

## Resumo

A peça *Quando si è qualcuno* foi esquecida por um longo período, tanto pela crítica quanto pela cena teatral italiana e mundial. A montagem mais recente se deu na Itália em 2005, quase setenta anos depois de sua estreia, em 1933. No Brasil, jamais havia sido montada ou mesmo traduzida. O texto é uma dolorosa confissão íntima do autor, é a carne e o espírito de seu próprio criador, Luigi Pirandello. O texto narra a história de um torturante amor de um homem velho por uma jovem e fascinante criatura. A peça, de forte componente autobiográfico se configura como uma das mais belas criações da última fase artística do dramaturgo italiano Luigi Pirandello.

**Palavras-chave:** Luigi Pirandello. *Quando se é alguém*. Teatro autobiográfico. Dramaturgia italiana.

## Abstract

For a long time, the play **Quando si è qualcuno** was forgotten by the critics as well as by the Italian and world theatre scene. The most recent performance occurred in Italy in 2005, almost seventy years after its premiere but in Brazil, it has never been performed or even translated. The text is a painful and intimate confession from the author, it is the flesh and spirit of its own creator, Luigi Pirandello. It narrates the history of an excruciating love between an old man and a young and fascinating creature. The play has a strong autobiographical component and is constituted as one of the most beautiful creations of the Italian playwright Luigi Pirandello's last artistic phase.

**Keyword:** Luigi Pirandello. *When you are someone*. Autobiographical theatre. Italian dramaturgy.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2008), com período sanduíche na Università di Torino. Tem pós-doutorado em Teatro, com pesquisa realizada no Instituto de Arte da Unicamp (2010). Publicou o livro *Luigi Pirandello, um teatro pra Marta Abba* (Perspectiva, SP, 2010). Em 2016, concluiu o Estágio de pós-doutorado (CAPES/2016), com supervisão do prof. Dr. Marco De Marinis, na Università di Bologna, desenvolvendo a pesquisa intitulada "O realismo sedutor na cena contemporânea". E-mail: melloribeiro.uff@gmail.com.

QUANDO SE É ALGUÉM  
(Quando si è qualcuno)  
*Drama em três atos*

De Luigi Pirandello  
Tradução/adaptação original de Martha Ribeiro

Com Cláudio Cavalcanti, Natália Lage,  
e Grande Elenco  
Com a Cia F... Privilegiados

O espetáculo, também com direção da tradutora, teve sua estreia em 13 de janeiro de 2009, Sala Fernanda Montenegro – Teatro do Leblon, Rio de Janeiro.

**Algumas notas sobre o texto<sup>2</sup>:**

*Quando si è qualcuno* foi esquecida por um longo período, tanto pela crítica quanto pela cena teatral italiana e mundial. A montagem mais recente se deu na Itália em 2005, quase 70 anos depois de sua estreia, em 1933. No Brasil, jamais havia sido montada ou mesmo traduzida. O texto é uma dolorosa confissão íntima do autor, é a carne e o espírito de seu próprio criador, Luigi Pirandello.

Muitos no Brasil conhecem o teatro de Luigi Pirandello (1867-1936), ganhador do Prêmio Nobel de 1934, mas poucos tiveram o privilégio de ver no palco sua última estação dramaturgic, especialmente os dramas de forte tensão autobiográfica, como a obra *Quando si è qualcuno*, de 1932. Inédito no Brasil, o texto foi traduzido pela diretora e pesquisadora Martha Ribeiro, professora Associada da Universidade Federal Fluminense, com Pós-Doutorado em Teatro pela Università di Bologna e Doutorado em Teoria e História Literária pela UNICAMP e pela Università dei Torino, Dipartimento di Discipline Artistiche, Musicale e dello Spettacolo, onde se especializou em teatro italiano e na dramaturgia do autor.

O esquecimento desta importante fase do artista se dá por várias razões, mas a principal delas encontra-se no insistente preconceito que este teatro sofreu até meados dos anos 1980. Ao se afastar de sua primitiva inspiração – de poeta da condição trágica da sociedade burguesa, da consciência dividida, dos intrincados jogos racionais – passando a

<sup>2</sup> Para um maior aprofundamento sobre a última fase dramaturgic de Pirandello, consultar o livro: *Luigi Pirandello: um teatro para Marta Abba*, de Martha Ribeiro. Editora Perspectiva, São Paulo: 2010.

experimentar evasões surrealistas, fugas ao irracional, num processo constante de manifestação do inconsciente, sua última fase foi julgada como “desviante” de seu verdadeiro núcleo poético. Se hoje, na Itália, já se reconhece a importância desta dramaturgia tardia, inserindo este teatro dentro na tradição do grande drama burguês, ao lado de Ibsen e de Strindberg, no Brasil todo este filão dramaturgicamente permanece ainda desconhecido.

Escrita sob o influxo da atriz Marta Abba (1900-1988), 33 anos mais nova que ele, musa inspiradora e principal intérprete de toda sua obra tardia, *Quando se é alguém* é a dolorosa confissão íntima de um homem dividido entre o desejo erótico por uma jovem mulher e a sublimação desta pulsão em um casto amor paterno: assombrado por uma terrível obsessão, o fantasma do incesto, o escritor sem nome, encarnação mais palpitante e perturbadora de Pirandello, termina por rejeitar a jovem ninfeta Veroccia, matando Delago, imagem por ele inventada para ascender a uma nova vida, sempre ao lado da amada. Ela, encarnação física e espiritual de Marta Abba, é uma jovem de 20 anos, ruiva, temperamental, a “encarnação da juventude”. Inconformada pelo poeta sem nome declarar Delago uma mentira, irá acusar o escritor de covardia.

Após ouvir Veroccia, o protagonista confessa – num longo, doloroso e apaixonado monólogo – seu tormento em relação à jovem. Em sua última aparição, ele nos deixa uma enigmática mensagem, e termina por se transformar na estátua de si mesmo, para toda a eternidade. *Quando se é alguém* é o espelho evidente das novas experiências que Pirandello, já na casa dos 70 anos, viveu a partir de seu encontro com a atriz milanese Marta Abba. Sua última estação é o resultado de um violento intercâmbio, de uma forte influência mútua entre estímulos biográficos e resultado artístico. Passando a escrever para e sob o influxo da atriz, Pirandello desenvolve um novo perfil de mulher, unindo pela primeira vez as metades de seu imaginário feminino – a mãe santa e a prostituta. As personagens são mulheres ruivas, jovens, belas, sensuais, eroticamente fascinantes, mas sexualmente inacessíveis.

## O autor

“Eu sou filho do Caos; e não alegoricamente”. Assim inicia Pirandello seu *Frammento d'autobiografia*, ditado ao amigo Pio Spezi em 1893. Nascido em junho de 1867,

em Agrigento (Sicília), foi professor em Roma de 1897 a 1922. Aos 34 anos inicia a série de seus sete romances: *L'esclusa* (1901), *Il turno* (1902), *Il fu Mattia Pascal* (1904), *I Vecchi i giovani* (1909), *Suo marito* (1911), *Si Gira* (1915) e *Uno nessuno centomila* (1926). Em 1908, publica o ensaio: *L'umorismo*; lançando as bases de uma concepção de humor que seria, logo depois, o motivo central de seu teatro. Mas é a partir de 1916 que começa o grande mergulho de Pirandello no teatro, realizando *Pensaci*, *Giacomino!*, *Liola* e *La ragione degli altri*, seguindo por *Così è, se vi pare*, *Il berretto a sonagli*, *Il piacere dell'onestà*, *La patente*, *Il giuoco delle parti*, *Ma non è una cosa seria*, *Tutto per bene*, *La Signora Morli uno e due*.

Em 1921 escreve sua mais famosa obra teatral, *Sei personaggi in cerca d'autore* - texto polêmico que, na época, suscitou forte impacto no público italiano, e que deu ao autor fama mundial. A partir de então sua dedicação ao teatro aumenta, e o dramaturgo assume, em 1925, a direção do *Teatro dell'arte di Roma*, tornando-se encenador e homem de teatro. Foi nesta época que o dramaturgo conheceu a jovem atriz Marta Abba, musa inspiradora, para quem escreveu uma série de peças teatrais; entre elas *Quando se é alguém*; iniciando a série "Um Teatro para Marta Abba". A companhia, por razões econômicas e políticas, após 50 espetáculos teatrais, fecha suas portas em 1928, interrompendo de forma traumática as atividades de Pirandello encenador. Em 1934 recebe o Prêmio Nobel de literatura. Morre em 10 de dezembro de 1936, na cidade de Roma, vítima de pneumonia. Suas cinzas estão na Cidade de Agrigento, sua terra natal.

Quando Pirandello e Marta Abba se conheceram, o dramaturgo tinha 58 anos e era casado (sua mulher encontrava-se internada em uma clínica para doentes mentais), enquanto Marta tinha apenas 25 anos e debutava como atriz. Deste encontro nasce uma parceria que vai durar por toda sua vida. Para o dramaturgo, Marta Abba era a própria encarnação viva de sua arte. Criada por seu espírito, a atriz passa a ser a respiração de sua arte. A dramaturgia desta sua última fase é o reflexo de seus questionamentos existenciais e artísticos. Pirandello sofre o drama de ser o escritor *Pirandello*, sofre a angústia de ser *Quem* ele é. Como saída deste labirinto, desta prisão de ferro, o dramaturgo vai procurar por novos caminhos de criação, por novas formas de superação destes limites, e a atriz Marta Abba torna-se a sua grande inspiração.

## A tradução/espetáculo

As dificuldades em traduzir *Quando si è qualcuno* perpassam, principalmente, pela necessidade de desenvolver uma escritura que tivesse ao mesmo tempo a rapidez do jogo cênico, impresso principalmente no primeiro ato, e a poesia delicada e confessional que o texto original apresenta. Muito mais do que me deter em palavras, fui impelida a pensar no ritmo e na dinâmica em que cada ato foi construído. Como sabemos, se trata de uma dramaturgia tardia, na qual o autor buscou se libertar daquele velho dramaturgo, aprisionado em sua própria criação, um escritor já há muito tempo petrificado e aprisionado pelo “pirandellismo”. Da necessidade de superação, nasce a peça *Quando si è qualcuno* (*Quando se é alguém*). O texto se distingue de sua fase anterior, mais admirada, pelo seu acentuado caráter autobiográfico. O tom é de uma apaixonada e terrível confissão íntima. A origem privada desta escritura só pôde ser aprofundada a partir da publicação, em 1995, das cartas escritas pelo dramaturgo à sua musa. Segundo o organizador destas cartas, Benito Ortolani, a história de *Quando se é alguém* seria o reflexo de um episódio ocorrido entre Pirandello e Marta Abba em Como, norte da Itália, durante a turnê de sua companhia teatral; um segredo obscuro, mas fundamental para a compreensão do texto dramático. Baseado em precisas coincidências textuais entre fragmentos de carta e diálogos dramáticos, a peça parece iluminar os acontecimentos ocorridos naquela noite fatídica.

O primeiro ato possui um tom mais dinâmico, diálogos curtos e bem-humorados, traduzindo no ritmo das palavras o frescor da vida do campo, do calor que emana da Sicília. Interessado em criar uma atmosfera mais vibrante, com mais “vida”, Pirandello cria um texto jovial, rápido, como se de fato fosse escrito por outro autor, estranho as suas conhecidas articulações mentais. Já os dois últimos atos, assume não apenas um tom confessional e poético, traduzido em longos monólogos, nos quais o protagonista sem nome passa em revista o fracasso do projeto de construir para si uma imagem de um escritor jovial, como propõe, principalmente para os integrantes de sua família, uma certa afetação, ridícula e caricata, típica de burgueses esnobes e sanguessugas desvendada no jogo de cena. É como se tivéssemos uma peça dentro da outra, que vai muito além do estilo metateatral, como se realmente fosse escrita por dois autores distintos. A peça, marcada pela diferença de tom, de ritmo e na forma da escrita, se constrói como se dois

Pirandellos lutassem com a pena. Ao final, o protagonista de *Quando se é alguém* desiste de lutar, perde o amor da jovem Veroccia e aceita, voluntariamente, deixar-se alienar em uma estátua de poeta idolatrado e morre, como normalmente morrem as palavras encarceradas dentro de um livro empoeirado.

## Referências

Ribeiro, Martha. *Luigi Pirandello: um teatro para Marta Abba*. Pirandello, Luigi. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

Pirandello, Luigi. *Quando si è qualcuno*. In: \_\_\_\_\_. *Machere Nude*. A cura di Italo Borzi e Maria Argenziano. Roma: Newton Compton, 2005

## Ficha técnica

*Quando se é alguém (Quando si è qualcuno)*

Autor: Luigi Pirandello

Direção e tradução: Martha de Mello Ribeiro

Elenco: Claudio Cavalcanti, Natália Lage e a Cia. Fodidos Privilegiados

Figurino: Ney Madeira e Daniela Vidal

Cenário: Nello Marrese

Iluminação: Daniela Sanches

Direção de Produção: Claudio Tizo

(Tradução concluída em julho de 2008)

# QUANDO SE É ALGUÉM

de Luigi Pirandello

Tradução: Martha de Mello Ribeiro

## Personagens

\*\*\* (alguém)

Giovanna, sua esposa

Tito, o filho

Valentina, a filha

S. E. Giaffredi, um amigo

Caproni, o editor

César, o mordomo

Pedro, o sobrinho americano

Natacha, sua esposa

Veroccia, irmã de Natacha

Scelzi, crítico

Diana e

Sàrcoli, amigos de Pedro

Dois jornalistas

Dois jovens

Um fotógrafo

Um Padre

OBSERVAÇÃO 1 - no texto, as falas do Protagonista são assinaladas com três asteriscos.

OBSERVAÇÃO 2 - esta tradução foi originalmente encenada no Teatro Leblon em 13 de janeiro de 2009, estando ligeiramente adaptada em relação ao texto original italiano.

## Primeiro Ato

*Ao se abrir a cortina, estão em cena Pedro e Natacha. Pedro tem trinta anos – cabeludo e barbudo – rosto De Musset – ruivo e sardento. É do tipo que fala de forma arrebatada para em seguida se fechar em um silêncio atento e cauteloso, escapando com os olhos de lá para cá. Mas se Natacha levanta a cabeça para olhá-lo, ele corre até ela, a beija e se acalma. Natacha é terrivelmente calma. As loucuras que lhe passam pela cabeça são apenas visíveis naquele seu bordado, que ninguém compreende nada. Mas é bordando que ela se acalma, para ser então a sábia mulherzinha e a afetuosa irmãzinha. Pausa. De repente se escuta de dentro da coxia o grito de \*\*\*. Veroccia lhe deu uma tesourada nos cabelos traiçoeiramente. Toda a primeira parte desta cena se desenrolará entre a coxia e o palco.*

\*\*\* (da coxia) Que isso! É doida? Que você fez?

VEROCCIA: (vivaz e irada) Agora do outro lado, anda!

\*\*\* (rebelando-se) Do outro lado uma vírgula! Larga esta tesoura!

VEROCCIA: Não! Mais um pouco! Mais um pouco!

\*\*\* Larga esta tesoura Veroccia, por favor. Olha só: uma mecha inteira!

VEROCCIA: E agora uma outra daquele lado de lá!

NATACHA: (*levanta para ver que está acontecendo*) Que está acontecendo? Oh meu Deus, ela lhe cortou os cabelos!

PEDRO: (*também se levanta para ver que está acontecendo*) Muito bem Veroccia! Corta! Corta!

\*\*\* (*sempre do outro lado*) Não! Para! Chega!

PEDRO: Mas agora já não tem mais jeito! Abaixa as mãos, deixa eu ver!

\*\*\* Justo hoje que virão me buscar... – consegue imaginar?

VEROCCIA: É por isso mesmo que mudo o seu rosto, por causa deles.

NATACHA: (*Com intensa apreensão*) Pára com isso Veroccia, Deus, larga esta tesoura! Você pode machucá-lo!

PEDRO: Não, dá-lhe, dá-lhe, Veroccia! Fora com toda essa cabeleira!

VEROCCIA: Agora vai precisar cortar desta outra parte de qualquer jeito!

\*\*\* Eu sei! Mas não vai ser você! Deixa que eu mesmo corto!

VEROCCIA: (*batendo um pé*) Não! Eu! Eu!

NATACHA: (*a obriga a sair de lá, trazendo-a, relutante, para dentro do palco*) Acabe com isso Veroccia, chega! Solta ele! E venha para cá!

VEROCCIA: (*vinte anos, ruiva, nariz arrebitado, olhos luminosos, toda eriçada, avança, arrastada, ainda com a tesoura nas mãos*) Não entende que eu não corto apenas seus cabelos? Eu o arranco de si mesmo, o liberto daquela sua cara –

PEDRO: – de domínio público! Cabeça oca!

NATACHA: Você enlouqueceu? A mulher dele está para chegar. Os filhos...

VEROCCIA: Por isso mesmo! Por isso mesmo! Para impedir que o levem embora daqui!

\*\*\* (*do outro lado, irritado*) Pedro, por favor! A tesoura!

PEDRO: Dá, Veroccia, dá!

VEROCCIA: Não! Ele vai ajeitar os cabelos! Eu tenho que cortá-los!



\*\*\* Mas é claro que eu vou ajeitar eles! Quer que eu me apresente assim? Aqui nem mesmo tem um espelho!

VEROCCIA: Que ótimo!  
*Sobe numa cadeira para olhá-lo de lá.*  
A-há!  
*Rindo.*  
Está se olhando pela vidraça!

NATACHA: Leva para ele um espelho Pedro! E você me dá aqui esta tesoura!

VEROCCIA: *(saltando da cadeira, para Pedro, que beija Natacha antes de obedecer a ordem)* Não. Não se arrisque Pedro! Ah, muito bem, sim, beije Natacha.  
*Depois, recomeçando, ainda com a tesoura em mãos.*  
- Não tenha medo, deixa comigo: eu dou um bom jeito neles!

\*\*\* Não! Você não!

VEROCCIA: Respira fundo! Cabeça para frente e ombros para trás!

*Vai para a coxia.*

\*\*\* Com cuidado, por caridade!

VEROCCIA: “Por caridade” não pudessem mais te reconhecer! Só eu devo suportar Délago ainda com esta cara! – vamos – quietinho – deste outro lado!

\*\*\* – devagar! –

VEROCCIA: – sim, bem devagar, – espera – mais um pouco – assim. – Oh, olha Pedro, vê se não parece outro!

PEDRO: Por Délago, deveria pelo menos se apresentar com vinte e cinco anos de menos!

VEROCCIA: Não é verdade! Assim está bom!

\*\*\* *(com tom de intensa paixão)* Como Deus pôde te fazer assim tão linda?

VEROCCIA: *(irada)* Pára de ficar piscando os olhos para mim, ou eu os arranco!  
*Batendo um pé, exaltada.*  
E não me sorri deste jeito!

NATACHA: Chega Verocchia! Você o atormenta demais!

VEROCCIA: *(jogando a tesoura no chão)* Me dá pena! Me dá pena!

PEDRO: Vou pegar o espelho para ele.

*Antes de ir embora se inclina para beijar Natacha.*

VEROCCIA: (*retorna ao palco, surpreendendo-os*) E chega de se beijarem toda hora! – Ah, que devo fazer para sacudi-lo, para lhe arrancar do corpo toda esta crosta mortificada? Parece Bob, Bob que se esconde debaixo da cama quando o tosam.

\*\*\* Se pudesse me esconder de verdade e não ser visto por mais ninguém!

PEDRO: (*volta com um espelho*) Aqui está o espelho: tó, mire-se!

\*\*\* Oh meu Deus! Não! – É uma desgraça! – Assim não tem condições! Me dá, me dá aquela tesoura!

VEROCCIA: (*para Natacha*): Quer se esconder, você ouviu? É uma perda de tempo! – Recolha as mechas Pedro, e tente colá-las novamente sobre suas têmporas! É ridículo cortá-las, se lhe falta coragem.

\*\*\* Ridículo, sim, ridículo, é me arruinar deste jeito!

*Para Pedro:*

Não posso mais aparecer para ninguém!

PEDRO: Não, calma: é só cortar também deste outro lado. Deste jeito, realmente, está muito ruim.

NATACHA: Chama César, Pedro. Você não tem habilidade para isso.

PEDRO: Claro! Estamos salvos. César já foi barbeiro.

*Chamando.*

César, César!

VEROCCIA: (*para Pedro*) Não precisa! Para quê? Corre até um cabeleireiro na cidade, leva uma mostra de cabelo e um cartaz do famoso escritor! Talvez te façam uma peruca antes que cheguem aqui a mulher, os filhos e todo o séquito –

*César entra.*

CÉSAR: Chamou?

PEDRO: (*do outro lado*) venha, venha até aqui, precisamos de você!

VEROCCIA: Tive uma ideia, Natacha! Se pudéssemos!

NATACHA: Que outra coisa te passa pela cabeça? Põe um fim nisso!

VEROCCIA: Escuta!

\*\*\* (*gritando do outro lado, irritadíssimo*) Não, assim não! Muito rente! Muito rente!

CÉSAR: Eh, desculpe, mas veja: este lado levou uma tesourada... estamos quase na nuca. Para igualar...

\*\*\* Então o senhor não iguale, ora bolas! Procure ajustar... o menos possível... um pouco atrás, e aqui, nesta parte...

VEROCCIA: (*concentrada na sua ideia, como se a pudesse ver*) Uma peruca e uma máscara de cera – mãos de cera – e temos um fantoche – colocamos umas roupas nele – por cima da peruca aquele seu lindo chapéu de mosqueteiro: E aí está: É ELE! – empalhado! – Eles chegam e levam embora o fantoche! – O que para eles tanto faz, do jeito que eles o deixaram!

\*\*\* (*do outro lado*) e você acha que eu não pensei nisso?

CÉSAR: Parado, por favor! Se o senhor ficar se mexendo assim...

\*\*\* Já chega! Já chega! Conseguiu acertar um pouco atrás?

CÉSAR: Sim, mas ainda falta...

\*\*\* Não importa! Assim está bom! Crescerão rápido. Logo que chegarem para me buscar, já estarei com aqueles belos cachos esvoaçantes, caídos por trás das orelhas.

\*\*\* *entra no palco. Usa roupas de verão, é magro, extrovertido, tem o aspecto jovial, ágil, livre.*

Um fantoche! Eu também pensei a mesma coisa Veroccia!

VEROCCIA: (*exultante*) Olha para ele! Olha Natacha! Não é outro? Jovem! Jovem! – Vem, vem, quero que olhem para você!

CÉSAR: Ainda vão precisar de mim?

\*\*\* Não, obrigado.

PEDRO: É Délago! Sem tirar nem pôr. É Délago!

\*\*\* Com a pele de outro sobre as costas...

NATACHA: Parece que rejuvenesceu uns vinte anos!

\*\*\* Eu, e não Délago!

*Para Veroccia:*

Está bem, se você prefere: Délago... –

*Voltando ao assunto.*

Quantas vezes, à noite, no meu escritório – sufocado a ponto de explodir – vejo ele lá: um fantoche! – o rosto, as mãos de cera – os olhos de vidro – ali – imóvel – e eu, mudo, mudo – como se estivesse fora daquela casca – penso em escapar dali, o mais rápido possível, e correr para cá – para depois fugir – fugir – desaparecer!

PEDRO: Sim, sim, – todos os quatro juntos! – escapar! Maravilhoso!

VEROCCIA: (*batendo palmas*) Vamos! Vamos!

PEDRO: Sabe que deste jeito até eu poderia te confundir com o seu irmão? A mesma cabeça, tal e qual – agora que saiu todo aquele cabelo (*apontando para as têmporas*).

\*\*\* *passando a mão sobre a cabeça*

A mesma cabeça... Dois anos a menos que eu... Como o meu irmão insistiu para que eu partisse com ele. Uma fuga *de verdade*, agora...

VEROCCIA: Eu sei que você nunca vai fugir de verdade! Não é do seu feitio! Não é do seu feitio!

\*\*\* Tive pena de nossos velhos que ficariam sozinhos...

VEROCCIA: Olhem! Ainda hoje cheio de nobreza e compaixão! Mas agora chega, está bem? Faça o favor de dar credibilidade ao seu fantoche. Délago não precisa deste tipo de recheio, ele deve ser inexorável!

\*\*\* Se tivesse ido embora naquele tempo...

PEDRO: Estaria rico também!

\*\*\* Ah, não, isso...

PEDRO: Sócio de seu irmão – pelo menos tão rico quanto eu!

\*\*\* NINGUÉM – imaginou? – ninguém – mais um na multidão. Sem ter olhos por toda parte te vigiando, e que não te deixam mais viver!

VEROCCIA: Como se vocês famosos pudessem viver sem isso!

\*\*\* Sem o quê?

PEDRO: Sem os olhares e a admiração de todos!

\*\*\* Agradeceria, se não quisesse mais viver! Mas experimenta querer viver e ser reconhecido por todos.

PEDRO: Ah, te garanto que se eu fosse famoso...

\*\*\* Queria ver você com tantos espelhos na frente, quanto o número de olhos que te secam. Lá vem o grande homem, lá vem o grande homem: te secam – imóveis – e te imobilizam – na sua celebridade, enquanto tinha outra coisa na cabeça – quando gostaria de se abandonar aos pensamentos, aos sentimentos. Perder o controle – se deixar contrair pela dor que te atormenta por dentro. Não quer ter o direito de se sentir, pelo menos por um instante, um pobre-diabo? Não, este direito lhe é negado! – não pode ser um pobre-diabo, porque você é uma celebridade: “Desfaz essa cara! Estão te olhando”. – Mas sabe que faz

um mês, alguns dias antes de me deixarem vir para cá para repousar um pouco – (escuta, escuta essa!) – num acesso de fúria, saí de casa, e fui parar longe, nem me lembro bem onde, fora da cidade. Depois de vagar o dia inteiro, já anoitecendo e sentindo fome, entrei no primeiro boteco que vi, e, afogado pela angústia, esqueci, verdade, juro, esqueci completamente que eu era “eu”. E num certo ponto, não resistindo mais ao incômodo de levantar a cabeça do prato e cruzar com dois jovens que me olhavam de modo fixo, rindo, levantei com ímpeto e gritei, dizendo que se eles não parassem, eu jogaria uma garrafa na cara deles. Peguei a garrafa e estava pronto para jogá-la.

PEDRO: (*rindo*) Essa é boa! Essa é boa! – E eles?

\*\*\* Está rindo? – ah, se os visse como desapareceram por trás do balcão. Na manhã seguinte, me escreveram se desculpando. Ficaram me olhavam porque não sabiam que eu tinha entrado ali, naquele seu boteco, por acaso, e tendo me reconhecido, se felicitavam, sempre com o maior respeito.

PEDRO: E não é bom?

\*\*\* Ah sim, de fato. Como compensação, dois idiotas que riem de você, e o deleite de não poder nem mesmo ir se esconder em um boteco! Mas por que está triste, por que sofre, de que modo o sucesso, a glória, podem te causar algum sofrimento?

VEROCCIA: (*impressionada, quase com fúria*) E você sofre por quê?

\*\*\* Me pergunta por que sofro? Você também? Se a fama não me permite fazer, sem provocar um escândalo enorme, aquilo que todos fariam – para viver – para viver – para respirar!

NATACHA: (*plácida, bordando*) Isso significa que você o fará!

PEDRO: Isso! Um escândalo! – Se bem que, aqui, tudo se transforma em um escândalo! – Veroccia te ama? – É um escândalo! – mas deve saber que nem eu, e nem Natacha, viríamos da América, se por aqui não existisse este meu famosíssimo tio para conhecer!

\*\*\* E dele queremos fazer um belo fantoche para deixá-lo, a quem interessar possa, na biblioteca – posicionado de frente à escrivaninha – eh, Veroccia?

VEROCCIA: (*pensativa*) Estou pensando que ainda existe um problema para resolver. Precisamos fazer com que o fantoche fale.

\*\*\* Muito fácil querida! Não esquite sua cabeça! Abrimos o fantoche por trás e grudamos no seu estômago um gramofone.

VEROCCIA: Claro! Perfeito! Sim, sim – com discos diferentes para trocar!

\*\*\* Para repetir aos senhores visitantes –

PEDRO: – aos entrevistadores –

\*\*\* - tudo aquilo que não muda nunca, e que sou obrigado a repetir pela vida toda. Muito embora não tenha sido eu quem as tenha dito, e sim os outros que as disseram por mim! Coisas que eu nunca, jamais, sonhei em pensar. - Tudo já determinado! - Porque agora eu não posso mais pensar de outro jeito - imaginar outra coisa - sentir de modo diferente. - Nem pensar! - Disse aquilo que deveria ter dito e chega! Expressei aquilo que senti - e ponto final - parado ali - imóvel, para sempre!

PEDRO: Morto!

\*\*\* Morto... se fosse morto... O problema é que eu ainda estou vivo, Pedro. E como você mesmo disse... isso só se deveria fazer com os mortos - e nem mesmo com os mortos, nem mesmo com os mortos! Pois existem aqueles, já distantes no tempo, que - sorte deles - tiveram raríssimos compromissos com a história, e depois, todo o resto de suas vidas, livres, ignorados! - Basta que respondam à chamada, que se apresentem pontualmente naquela data fixa para cumprir o seu ato memorável! E mesmo mortos - mesmo mortos - pode ser que alguém venha revirá-los, descobrindo algum documento novo, modificando o conceito que fizeram deles na história, alguém que os faça reviver sobre outro aspecto, que os faça dizer uma palavra nova - que os faça reviver, respirando sob uma nova luz!

PEDRO: (*inflamado, com ardor*) Vai me desculpar, vai me desculpar! Mas não foi exatamente isso que eu fiz para você? Desculpa, mas está sendo um ingrato!

\*\*\* Porque se fez às pressas editor das poesias de Délago!

PEDRO: Eh! Desculpa, mas não te ocorreu a mesma coisa?

*Indicando o livro que está nas mãos de \*\*\*.*

Você está aqui - se transformou em outro: Délago! Sem que ninguém o saiba - Délago: Um novo prestígio, a sinalização, o símbolo de todos os jovens!

\*\*\* Eh, sim, Délago, de fato - Délago... Mas você não me transformou em Délago, nem você e nem ninguém! Sou eu. Sou eu que ainda vivo, eu que penso, eu que sinto!

*Segurando entre as mãos o rosto de Veroccia.*

\*\*\* Porque no primeiro instante em que esses olhos impertinentes se confrontaram com os meus, assim, provocadores e encantadores -

*Assoprando.*

Fhhhh - sobre as cinzas - "Você velho? A quem quer enganar? Você arde!" - e eu pude ver um leve sorriso nesses lábios - Um segundo te bastou - só de me observar nos olhos - para me descobrir vivo. Diz se não é verdade! E se me despertou para eles, é sinal de que eram meus. Pensamentos, sentimentos novos - vivos, vivos - que imediatamente comecei a expressar nestas páginas. Era um sonho em que eu não podia acreditar, se você não acreditasse - mas você acreditou - e agora eles existem, e são a minha vida!

*César entra.*

CÉSAR: Estão aqui dois senhores e uma senhorita

VEROCCIA: Não. Vamos ficar sozinhos. Se queremos ficar juntos...

PEDRO: Quem são? Onde estão?

\*\*\* Eu me retiro.  
*Se levanta para sair.*  
estou assim...

PEDRO: Espera!

\*\*\* *sai*

*Scelzi entra, seguido por Diana e Sàrcoli. Todos os três são jovens. Scelzi é o crítico mais respeitado da nova literatura: corpulento, cabeçudo, testa abaulada, olhos estrábicos e pequenos, com os quais olha para os outros de forma atravessada, virando a face macerada, de tom lívido. Perspicaz e fino, porém, para expandir a sua compreensão sobre alguém, deve sofrer as picadas de cilício do seu timer tão mordaz. Diana é uma jovem escritora aventureira, neste momento está colada em Sàrcoli, pintor, literato e caricaturista.*

SCELZI: Senhores o quê! Sou eu, Pedro! Com Diana e Sàrcoli!

PEDRO: Ah, são vocês... entra, Scelzi, entra! São amigos, meus e de Délago também!

SCELZI: *(surpreso e decepcionado, avistando \*\*\* na coxia)* Ah, o senhor está aqui Poeta?  
*Olhando para os dois companheiros.*  
e agora...

PEDRO: Agora, o quê? É meu tio, não sabia? Está aqui de férias por uns vinte dias.

SCELZI: Sim, mas...  
*Outra vez olha para os companheiros.*  
então não era verdade.

SÀRCOLI: Diria que não é muito provável.

PEDRO: Que coisa?

SCELZI: *(para Sàrcoli)* Você trouxe o jornal?

SÀRCOLI: *(estendendo-lhe)* Sim, aqui está.

SCELZI: Vir até aqui...

*Neste ponto, não conseguindo mais se conter, Diana desaba a rir, especialmente pelo aspecto estivo de \*\*\**

SÀRCOLI: Sossega Diana!

DIANA: *(continuando a rir, aponta \*\*\* e faz, mais com a expressão do que com a voz)* Ele... ele...

SÀRCOLI: Ele o quê? Nós o estamos vendo...

PEDRO: Mas que tem para rir?

DIANA: Eu não queria... Desculpa Poeta, eu rio deles... como ficaram... estavam esperando... e em vez dele, o senhor... oh, me desculpe.. Deus, e com esta fisionomia...  
*O olha um pouco mais e desaba novamente a rir.*  
Há! Há! Há!

PEDRO: *(irritado)* Já chega!

VEROCCIA: *(indignada)* Mais essa!

NATACHA: *(incomodada)* Que significa isso?

SCELZI: *(furioso, investindo contra Diana)* Pára já com isso, ou te calo a boca com um murro!

DIANA: *(se controlando)* Tá, tá, já parei, já parei... é compreensível... a juventude... aqui de férias...

SÀRCOLI: *(como para se desculpar, tentando concertar as coisas)* Juventude! Juventude!

SCELZI: É de imbecis! Que juventude! Eu sou uma pessoa séria!

SÀRCOLI: Vamos e venhamos, desculpa, mas o contraste... – guardando todos os méritos do Poeta...

PEDRO: Em suma, pode-se saber que vieram fazer aqui?

SCELZI: Nada! Para constatar! Asseguraram-me que surpreenderia, escondido, aqui com você, Délago!

PEDRO: *(levanta e olha instintivamente \*\*\*)* Délago?

SÀRCOLI: Pois é... “*retour d’Amérique*”. Está estampado no jornal!

SCELZI: *(estende a Pedro o jornal)* Tó, lei-a: marcado o seu desembarque em Gênova  
*Indicando o ponto.*  
Aqui, entre os que chegavam da América!

PEDRO: *(olhando)* Com o “Roma”? Mas eu não sei nada sobre isso. Quem poderia ter dado esta notícia?

NATACHA: *(impassível, continuando a bordar)* Com o “Roma”? Mas você não recebeu hoje, pela manhã, com o “Roma” uma carta dele?



PEDRO: De fato! Esta manhã chegou uma carta dele. Imagina vocês se viria para cá com o “Roma”. Logo com o “Roma”!

SÀRCOLI: (*para Pedro*) Mas tem também uma nota no jornal, olha: “O poeta Délago na Itália”. E falaram que o viram e que o reconheceram...

NATACHA: (*idem*) E agora está aqui! Procurem-no!

PEDRO: Sim! Escondido sem que eu saiba!

VEROCCIA: (*olhando \*\*\**) Como num jogo para crianças! “Onde está Délago?”.

SÀRCOLI: Vocês estão me gozando?

PEDRO: Mas que mais podemos fazer? Se querem ele aqui de qualquer jeito!

SCELZI: Basta olhar o sorriso de satisfação do Poeta...

\*\*\* ... para compreender que Délago não pode estar aqui. Mas por que de “satisfação”?

SÀRCOLI: Nem imagina? O senhor por acaso teria prazer em ver Délago aqui, entre nós, jovens, sendo festejado, exaltado?

VEROCCIA: Seguramente! Mais que prazer, satisfação! E nós, melhor do que ninguém, podemos afirmar isso! Seria como se festejassem e exaltassem a ele próprio!

DIANA: Muito bonito da sua parte!

PEDRO: Bonito? Coerente. A publicação dos poemas de Délago se deve a ele!

\*\*\* Não. Isso é mérito seu...

PEDRO: O lançamento, sim. Mas o conselho para que eu me transformasse editor, aqui e não na América, foi ele quem me deu. O que já diz tudo.

\*\*\* Mas natural que...

NATACHA: É a verdade.

PEDRO: Na verdade eu lhe trouxe coisas que não podia reconhecer o valor...

VEROCCIA: (*mostra \*\*\**) Foi ele!

PEDRO: ... poesias de um jovem desconhecido, nosso conterrâneo, que, na América, conseguiu se manter fiel à nossa língua.

SÀRCOLI: (*para \*\*\**) Entendi, mas o senhor previu também que esta publicação provocaria em nós, jovens...?

\*\*\* ... todo este furor? Não, – isso talvez...

SÀRCOLI: Viu! Viu! O senhor não poderia prever que nós, jovens, encontraríamos nele, finalmente, a nossa voz. Não quero dizer com isso que, talvez, neste caso, o senhor não o tivesse aconselhado! Mas sabe do que mais? Essa voz, que Délago encontrou para todos nós, lá, na América, no choque dos novos valores, possui um grande significado! Rússia, América. É toda uma humanidade que esperava por uma voz! – mas agora chega de continuar por lá. É absolutamente necessário que Délago esteja entre nós! E compete a você fazê-lo vir para cá, a qualquer custo!

SCELZI: Exato! Você deve persuadi-lo!

DIANA: Obrigá-lo! Obrigá-lo!

SÀRCOLI: Não pode continuar longe! Não pode! Por Deus! Deve saber o incêndio que provocou!

DIANA: O esperamos como o Messias!

PEDRO: Mas, por todo esse ano...

VEROCCIA: Não virá! Não virá! Nós é que iremos! Abandonaremos tudo, e vamos encontrá-lo lá!

*Dirá isso entrelaçando o braço no braço de \*\*\*.*

SCELZI: O senhor também vai?

\*\*\* Na verdade eu não tenho ninguém para encontrar...

SCELZI: Em que sentido, desculpe? Não sou tão exaltado quanto os outros, mas que Délago tomou a dianteira, e que está na frente de todos, é uma coisa inquestionável. Tão à frente, que ninguém da velha geração pode alcançá-lo! Quanto a isso, podemos colocar uma pedra por cima. Sim, porque eu posso não admirar Délago em muitas coisas, muito pelo contrário, mas vejo nele uma inegável superação de tudo que foi feito até agora. É suficiente perceber o seu “modo” – sem ironias! “Modo” no sentido musical da palavra! – Este seu “modo”, e obviamente toda sua poesia, é novo. Tem o ritmo de uma respiração nova (porque é vida que pulsa de uma forma diferente!) que faz da sua uma respiração vazia, incoerente. O senhor também não sente que esta é realmente uma outra vida?

\*\*\* Sinto, sim, que é – é – uma outra vida...

SCELZI: ... com uma voz “sua”, que supera e que faz calar qualquer outra. E então, adeus! Com isso, todos devem se conformar.

*Voltando-se para Pedro.*

Como nós, que fizemos uma viagem inútil. Sabe que sua casa é muito longe? Logo se percebe que veio de outras terras.

VEROCCIA: E para lá voltaremos! Voltaremos!

SCELZI: Antes que larguem tudo, devem persuadir Délago a vir para cá –

SÀRCOLI: – agora já não podemos mais ficar sem ele!

*Scelzi, Sàrcoli e Diana saem. Pedro, Veroccia e Natacha se olham por um momento, de maneira divertida.*

PEDRO: Essa é boa! Quem será que se fez passar por Délago em Gênova?

\*\*\* Mais outra mentira!

NATACHA: *(para Pedro)* Mas, não foi você que deu a notícia?

PEDRO: Eu, não!

*Para \*\*\*, sacudindo os ombros:*

Mentira... Mas é fundamental fazer com que acreditem que Délago pode chegar a qualquer momento da América, e para isso se deve inventar...

\*\*\* ... É... E parece que tiraram bastante proveito da situação. E com que satisfação! Mas aviso para não abusarem tanto de mim!

VEROCCIA: Nós? De você?

\*\*\* Sim – da minha impossibilidade de gritar –

PEDRO: Gritar! Gostaria de se revelar? E não estávamos todos, até agora, de acordo...?

VEROCCIA: *(revoltando-se)* E diz isso para mim também? Eu me aproveito que não pode se revelar?

\*\*\* Não! Digo que não deveriam brincar tanto na minha frente!

VEROCCIA: Eu, brincando? Se por um triz que não te revelei!

\*\*\* *(continuando, revoltado, para os outros)* É exatamente isso! Desfrutar deste prazer, até o limite de quase revelar-me, por estarem absolutamente seguros que ninguém pode acreditar que eu sou Délago –

PEDRO: – um desfrute... –

\*\*\* – Sim, sim, de forma descarada – e para mim sarcástica. Um prazer que os deixam incólumes para me traírem bem debaixo dos meus olhos, despindo-me da minha vida para vestir um outro!

VEROCCIA: Mas meu desejo é que você *seja, seja* Délago para todos! Quem sente esta impossibilidade de *ser* é você, porque quer continuar escondido! Mas agora que se sente

sufocar, grita!

PEDRO: Como se esse outro não fosse ele mesmo!

\*\*\* Não é! Não pode ser “eu”! Não deve ser “eu”!

VEROCCIA: Por que não pode? Grite para todo mundo que Délago é você!

\*\*\* Quer que eu grite? Mas não entende que assim eu o mato?

VEROCCIA: Mata quem?

\*\*\* Délago!

VEROCCIA: Mas por quê?

\*\*\* Porque eu não sou o Senhor Ninguém – eu sou ALGUÉM! “Eu”, “como sou para todos”, e não posso ser um outro! Se me revelo Délago, se grito que Délago sou eu – Acabou! Délago está morto. Ele se transforma numa máscara, não entende? Uma máscara de juventude, uma farsa usada por mim! –

*Com paixão, enfurecido.*

Não pode ser o meu sangue, não pode ser a minha vida, não pode pertencer a mim aquilo que é meu! Você, você Verocchia, alegria minha, minha juventude viva! Não! Não! Você deve ser de Délago, e não minha! Entendeu agora?

*Aos outros:*

Não se divirtam tanto, idealizando-o na minha frente! Não o façam tão consistente para mim, ao ponto de tornar-me ciumento! – Sim, sim, ciumento! Ciumento! – entendem aquilo que fizeram? Perceberam? Me fizeram odiá-lo! Ele é o vivo! Eu sou o morto! Vocês não os ouviram? “Quanto a isso, podemos colocar uma pedra por cima”. – Me enterraram! Sim, enterrado! É dele a voz nova – E calaram a minha! – mas eu a tomo de volta! Eu a tomo de volta! Aquilo que é meu eu tomo de volta! Deixem comigo e vocês vão ver que em pouco tempo eu a tomo de volta!

*Olhando-os.*

Agora me olham com desconfiança... Mas não falo mais nada. Não digo mais nada para vocês. Deixem comigo!

*Neste momento se escuta um som de trombeta. \*\*\* , escutando-o, esmorece de repente. Os outros o olham surpresos.*

Chegaram. Vieram me buscar.

PEDRO: Estranho! Parecia um som de trombeta.

\*\*\* *(com amarga ironia, imóvel, com os olhos fechados)* Desafio. Vem a glória. Como quer que se anunciem? Se asas se movem sobre o peito de minha mulher? Só podem chegar ao som de trombeta.

PEDRO: Não, não. Deve ser algum outro maluco que veio pra cá tocar trombeta para Délago.

VEROCCIA: *(olhando em direção ao som)* Sim, sim, são eles mesmos!

*Faz que não com um gesto à pergunta de Pedro, se por eles ela quis dizer os jornalistas.*

Não, não. Os seus parentes.

*Continua olhando e anuncia.*

Estão acompanhados. São cinco. Tito vem na frente. Agora, desce do carro o editor, como se chama mesmo? Caproni. E agora um senhor que não conheço. Espera... Ah sim, ugh! É sua Excelência Giaffredi... Agora desce Valentina. E neste momento ajudam titia a descer.

*Levanta os braços, olhando para o alto, dando um profundo suspiro, como sinal de quem atura alguma coisa para não piorar a situação.*

*Saem Veroccia, Natacha e Pedro. No portão, a família de \*\*\*.*

*Giovanna, a esposa, parece uma estátua, bela, mas rígida. É a personificação do sucesso oficial do marido: testa curta, olhos austeros e ovaís, de olhar solene. Um nariz robusto, imperial. Queixo potente. Veste-se pomposamente de negro e prata. Valentina, a filha, em seus trinta anos, parece impenetrável, como uma figura saída de um quadro, pintado com soberba e meticulosa artificialidade. Tem o ar perdido. Tito, o filho, é robusto, atarracado, sombrio e bilioso; quando falou "papai", falou tudo. Sua Excelência Giaffredi, Ministro de Estado, por volta dos cinquenta anos, é grisalho, galante, sem afetação. Caráter autoritário, mas sorridente, típico de personagem que, dono de uma reconhecida autoridade, não admite ser desobedecido. Habitado a viver na alta esfera econômica e política, é o amigo da casa, protetor e condescendente. Perdoa os humores e as esquisitices dos literatos, que acabam lhe divertindo, até porque, ao final, sempre acabam fazendo o que ele quer. Caproni, o editor, por volta dos sessenta anos, gordo, com uma cabeça típica de judeu inteligente. Astucioso, se passa por magnânimo, mas é uma ave de rapina.*

GIAFFREDI: Mas esse lugar é mesmo bonito!

GIOVANNA: Sim, meu amigo. Mas com o dinheiro que tem, não é nenhum mérito...

CAPRONI: Muito, muito rico, é?

VALENTINA: Parece...

TITO: Não é suficiente o lançamento de "Dédalo", para provar como joga dinheiro fora?

CAPRONI: É... ele soube lançá-lo... não resta dúvida!

GIOVANNA: Mas como que até agora não veio ninguém? Não seria o caso de tocar a trombeta novamente?

GIAFFREDI: É mesmo seu sobrinho?

GIOVANNA: Sim. Filho de um irmão!

TITO: Inacreditável! O mesmo sobrenome...

GIAFFREDI: Por que Inacreditável?

TITO: Ora, ter o nosso nome e ser o editor deste “Dédalo”!

VALENTINA: Délago, Tito.

TITO: (*se corrigindo*) Délago! Délago!

VALENTINA: (*irritada*) Presta atenção! Você sempre diz “Dédalo”!

TITO: Faço de propósito!

GIOVANNA: Ainda aqui, meus senhores. Sem ninguém para nos dizer “se acomodem”... Caproni! Não temos tempo a perder. Vai, entra você. – Caproni, o manuscrito.

CAPRONI: Aqui está!

GIOVANNA: Deus! Só de olhar para ele me vem a bile! Vai, vai!

*A Giaffredi:*

Que não se fale deste assunto perto de mim, é melhor. Sou capaz de dizer coisas terríveis.

*A Caproni:*

Ainda parado? Não ouse se arrepender.

CAPRONI: A senhora não acha que seria melhor que Sua Excelência fosse comigo?

GIOVANNA: O contrato dá ao senhor autoridade suficiente. Faça-o valer, e pronto!

GIAFFREDI: Ocorrendo uma necessidade, conte comigo, Caproni. Falarei com ele. Ou então que ele venha até aqui... Por que não aparece?

CAPRONI: (*com o grosso manuscrito nas mãos, quase ponderando*) O senhor entende Excelência, com a homenagem que se está preparando, para mim, renunciar... meu coração sangra, palavra de honra! Mas chega! Eu jamais o vi com interesse. E ele compreenderá.

GIAFFREDI: Não faça nenhum acordo! Nenhum acordo! E tenha em mente que, para qualquer problema, eu estou aqui!

GIOVANNA: Coitadinho. É verdade... estava tão feliz... esperava o novo livro como quem espera a salvação...

GIAFFREDI: E agora esta traição! É inacreditável!

TITO: Inacreditável!

GIAFFREDI: Por favor, Giovanna...

*Puxando-a para o lado.*

Eu dizia, se ele é assim tão rico e... parente, sobrinho... não seria o caso de se tentar... de fazê-lo jogar pelos ares aquela sua barraca de editor e este seu Délago...

GIOVANNA: Sim, mas como?

GIAFFREDI: Não sei... penso... por exemplo, ele não poderia ser um partido conveniente para nossa Valentina?

GIOVANNA: O que diz meu amigo, Deus nos livre! Ele veio da América, acompanhado por duas raparigas russas, encontradas por lá...

GIAFFREDI: Mas isso não quer dizer nada... se pudesse...

GIOVANNA: Como não quer dizer nada? Ele se casou com uma delas!

GIAFFREDI: Ah, se casou com uma...

GIOVANNA: E depois, com tudo isso que fez; te parece pouco? Ele veio para cá, da América, estritamente – eh, Tito?

TITO: (*apressando-se*) Sim, mamãe?

GIOVANNA: Sua excelência pensava em Pedro,  
*Baixo.*  
Para Valentina...

TITO: Ele é casado!

GIAFFREDI: Não sabia. Mas também, peuh, casamentos, na América...

TITO: Um divórcio! Qual! Apaixonadíssimo! Eles são muito unidos... tem também a irmãzinha... três loucos...

GIOVANNA: E depois, como lhe dizia, com tudo que fez...

TITO: ... pois é – veio estritamente para conhecer papai – e, como um fungo, desponta editor dos jovens – divulgando aos quatro ventos – *pim, pá, pum!* – Délago! Délago! – Contra papai.

GIAFFREDI: Mas quem afinal é esse Délago?

TITO: Um amigo seu da América! Mas o melhor de tudo, Excelência, é que eu posso provar – *provar* – que ele leu papai! Que ele imita papai!

*Pedro entra.*

PEDRO: Aqui está Tito com o seu “ele imita papai”! “Ele imita papai!”

TITO: Imita sim! Imita! E já falei que posso provar, até indicar onde, e quantas vezes, ponto por ponto!

VALENTINA: Tito foi capaz de ler toda a sua poesia, friamente.

GIOVANNA: (*como se Tito tivesse feito algo extraordinário*) é mesmo? Verdade?

TITO: Sim, eu, eu, e encontrei seus plágios! Mais de cinco!

GIOVANNA: (*para Giaffredi*) Ouviu? Se tem cabimento tamanho absurdo!

PEDRO: Situação interessante! Mas Caproni acabou de me informar que agora é ele. É ele que agora está imitando Délago. Neste seu novo livro! Caproni está inconsolável! Uma vitória! Uma verdadeira vitória para Délago e para mim!

GIOVANNA: Não meu querido! Não cante vitória antes do tempo! Nós estamos aqui justamente por isso. Este seu novo livro jamais será publicado!

PEDRO: Se Caproni não quer publicá-lo, eu o publico! Eu o publico!

GIAFFREDI: (*impondo-se com toda a sua autoridade, categórico*) O senhor preste bem atenção! O senhor não publicará nada!

PEDRO: Quem é o senhor, desculpe?

GIAFFREDI: Não se faça de rogado, não se faça de rogado!

GIOVANNA: É Sua excelência Luciano Giaffredi, Ministro de Estado!

PEDRO: Honradíssimo. Mas eu nasci na América.

GIAFFREDI: Logo se vê, na América.

PEDRO: Digo que nasci na América, para que entenda que para mim, ser Ministro de Estado...

GIAFFREDI: O senhor fique sabendo que eu não preciso usar da autoridade do meu título, para, aqui e agora, me fazer guardião, junto da família e do país, de uma fama consagrada por toda uma geração. Um nome que ninguém tem o direito de ultrajar, nem mesmo ele, *Apontando na direção onde se encontra \*\*\*.*

Especialmente no momento em que a Nação, a partir de uma sugestão minha, se prepara para homenageá-lo, festejando solenemente o cinquentenário de sua obra.

PEDRO: Fico feliz e orgulhoso como sobrinho, mas ninguém tem o direito de, por causa disso, lhe proibir de publicar, se ele assim o quiser, seu novo livro.

GIAFFREDI: Sim senhor, nós lhe proibimos, e por direito, pelo respeito que temos por ele e pelo seu nome.

PEDRO: Se nota! Grande respeito!

GIAFFREDI: Ele não pode perder a cabeça no exato momento em que está para ser coroada.



PEDRO: Coroada? Como coroada? Ah! O coroaram...?

GIAFFREDI: Mas não com uma coroa retórica, feita de louros, como aquelas que se oferecem aos cantadores de província, ou que se fixam nos monumentos. Não. Coroado com uma coroa de verdade, em reconhecimento de sua fama nacional. Coroa de conde!

GIOVANNA: Transferível!

PEDRO: (*frio*)...ah...

*Olha Tito.*

depois o Conde será você...

TITO: E te asseguro que saberei respeitar...

PEDRO: Acredito, acredito. E a senhora, Condessa,

*Se inclina para Giovanna.*

e você, a Condessinha,

*Se inclina para Valentina.*

contanto que ele se renda a não publicar aquele seu novo livro.

*Acena com a mão, para indicar que se trata do manuscrito trazido pelo editor.*

Entendi.

GIAFFREDI: Aquele seu novo livro – para que o senhor o saiba – foi lido, avaliado, examinado, palavra por palavra, por todos os seus amigos e admiradores mais fiéis e devotados, que são uma tropa – e todos o julgaram –

PEDRO: – infectado! Contagiado pela inspiração nova de Délago – e então, *défendu* – oké! *oké! Olràit!*

*Piruetta.*

GIAFFREDI: Na sua idade, ele não pode mais delirar, perder-se em experiências incoerentes!

GIOVANNA: ... e dar este espetáculo, se rebaixando, abrigando...

TITO: ... a voz do inimigo, e lhe fazendo eco!

GIAFFREDI: Deve voltar a si! Corresponder à sua fama já estabelecida e bem delineada. Se ainda quiser dizer alguma coisa além do que já disse, deve ser lapidário – lapidário.

*Neste momento se escuta Veroccia.*

VEROCCIA: Pedro! Pedro! Corre, corre!

GIOVANNA: (*virando o corpo para olhar*) Mas o que é isso? Onde nós estamos?

VEROCCIA: É um abuso! Venha, corre, corre!

PEDRO: Estou indo! Estou indo!

*Sai com pressa. Volta Natacha, plácida e séria.*

GIOVANNA: Ah, mas eu também vou lá! Isso é uma conspiração das boas!

GIAFFREDI: Não! Deixa que eu mesmo vou, Giovanna! Eu vou!

GIOVANNA: Aprisionaram-no! Não vê? Fizeram-lhe uma lavagem cerebral!

GIAFFREDI: Fique tranquila, fique tranquila, que eu mesmo o farei voltar a si!

*Sai.*

GIOVANNA: Faça-o sair de lá, te peço. Devemos todos ir embora imediatamente! Eu não tenho mais condições de permanecer neste lugar!

*Para o filho:*

Me admira ele, confiar neste lugar, uma casa de loucos e de inimigos!

NATACHA: *(sem se abalar)* Graças à hospitalidade e aos cuidados que nós demos a ele, tia. Ele está muito doente se quer saber.

GIOVANNA: *(dando de ombros)* Doente... doente... Esta foi a sua desculpa para vir se imbecilizar aqui!

NATACHA: Está doente de verdade.

GIOVANNA: *(sem dar muita importância para a doença)* Ah, sim, sofre um pouco de tristeza no coração...

TITO: *(preocupado)* Será que se sentiu mal lá dentro...?

NATACHA: Não do coração. Sofre de uma outra doença – terrível – quando retorna depois de uma certa idade.

VALENTINA: *(chocada)* Qual é a doença?

NATACHA: *(plácida)* A juventude, prima!

VALENTINA: Foram vocês que transmitiram esta doença para ele!

NATACHA: *(idem)* É possível.

GIOVANNA: *(assombrada, olhando-a)* Como eu falei!

NATACHA: Mas precisava que ele também a tivesse dentro dele. Digo, como quem diz a verdade. E digo também que todos vocês – que nos julgam inimigos dele – é que são seus verdadeiros inimigos.

GIOVANNA: Nós? E tem o atrevimento de afirmar isso na minha frente?

NATACHA: Não o atrevimento, mas a coragem, porque esta é a verdade. Vocês acabaram de cometer um crime. Todos vocês vivem à custa dele, e o sufocam.

GIOVANNA: Chega! Chega!

TITO: É inacreditável!

VALENTINA: Vamos embora daqui!

GIOVANNA: *(para Tito)* Vai lá dentro e diz para ele que eu fui insultada neste lugar, e que se ele não vier imediatamente, eu vou embora!

*Tito sai.*

NATACHA: *(sempre plácida)* Impossível que venha imediatamente. Ele precisa de tempo para se vestir novamente como velho. Ele estava se vestindo, mas, depois, entrou o senhor Cabron...

GIOVANNA: Caproni! Caproni! É o editor dele. E para sua informação, o primeiro editor da Itália!

NATACHA: Não cabe a mim, uma estrangeira, conhecer este tipo de coisa.

GIOVANNA: E cabe a nós expulsar os estrangeiros que querem se intrometer nos assuntos de nossa família!

*Com gritos enfurecidos, entram Caproni e Pedro, e em seguida Giaffredi e Tito.*

CAPRONI: Não! Não! Não! Isto jamais acontecerá! Sendo assim eu o tomo de volta!

*E arranca da mão de Pedro o manuscrito.*

PEDRO: *(tentando tomar o manuscrito)* É na força? Ah, isso não! Devolva-me o manuscrito agora!

CAPRONI: Não lhe devolverei! Não lhe devolverei, se ousa me negar...

PEDRO: O senhor vai devolvê-lo, porque foi ele mesmo que o entregou para mim!

GIAFFREDI: Caproni, devolva-lhe o manuscrito! Ele não poderá fazer nada com ele!

TITO: Não poderá nem mesmo publicá-lo!

PEDRO: Não posso, porque ele mesmo não quer...

CAPRONI: O senhor não pode porque tenho um contrato de exclusividade, entendeu? Por todas as suas obras, passadas, presentes, futuras!

PEDRO: Inclusive de lhe negar o direito de publicar por outra editora um livro que o senhor mesmo recusa? Ah, não, meu senhor, esse direito o senhor não tem!

CAPRONI: Mas o que está dizendo? Eu não o recusei por mim, foi por ele! Pelo seu próprio interesse! Eu o teria publicado! Foram eles, seus amigos que estão aqui, Sua Excelência, a família, todos, que me obrigaram a não publicá-lo! Para não provocar um escândalo, que para mim seria, ao contrário, uma dádiva de Deus. E o senhor, americano, sabe disso! Eu sou uma vítima, e o senhor me faz parecer um explorador! Tome! Pegue o manuscrito!

*E o coloca com desprezo na mão de Pedro.*

GIOVANNA: Caproni, o que é? O que está acontecendo?

GIAFFREDI: Nada Giovanna. Já explicarei tudo!

TITO: *(suave, acalmando a mãe)* Fica tranqüila, está tudo garantido.

GIAFFREDI: *(para Caproni com tom de reprovação)* Caproni, mas se foi você o primeiro a nós dar o alarme...

CAPRONI: Eu sei, não nego. Confesso que fui o primeiro a ficar consternado ao ler o manuscrito. E respeitoso como sou, ao meu maior escritor, me senti no dever de avisar à família, aos amigos... Mas eu juro, que fiz tudo isso contra o meu próprio interesse! Agora sabem porque eu não posso tolerar que um outro venha se aproveitar!

GIOVANNA: Ah, então somos uns....?

GIAFFREDI: Não!

TITO: *(ao mesmo tempo)* Não!

GIAFFREDI: Ninguém se aproveitará! Fique tranqüilo! Caproni! Se ele mesmo se rendeu - acabou!

GIOVANNA: E esse manuscrito...?

PEDRO: *(ferozmente)* Fica aqui, comigo! Sob a minha custódia!

GIOVANNA: Não, não! Por quê?

GIAFFREDI: Deixa! Ele quis assim, quer que eles o leiam... não se pode impedir. Mas isso não tem importância. Não podem fazer nada...

GIOVANNA: Mas podem sentir o gostinho de mostrar, para todos, os proselitismos do novo autor, quando ele se humilhava...

NATACHA: Não se preocupe senhora, porque para nós, ele jamais se humilhou...

GIAFFREDI: Mas para nós, este livro é o sintoma de um deplorável histerismo, causado certamente por uma ausência momentânea. Sofre, não se pode negar. Está enfraquecido. Quando coloquei minhas mãos sobre suas costas, para lhe agradecer por afinal ter recuperado o juízo, pude sentir, juro, os seus ossos caírem, todos, de uma só vez (precisa estar atenta, minha amiga, com o seu coração).

*\*\*\* entra. Sua aparência não é a mesma do início, mas aquela que todos esperavam que tivesse depois da chegada de seus parentes, editor e amigo. Aparecerá em sua imagem imutável, conhecida universalmente por todos. E naturalmente seus cabelos parecerão ter crescido. O ator, durante este tempo, colocará uma peruca, com longas madeixas. No início, os longos fios estarão escondidos dentro de seu famoso chapéu com abas largas.*

GIOVANNA: *(dando um passo para frente)* Está sofrendo?

GIAFFREDI: Não, não, não. Tudo já passou, está tudo bem. Vamos.

GIOVANNA: Não. Espera. O que fez com os seus cabelos, meu querido?

*Ela levanta o chapéu e passa a mão sobre seus cabelos. Primeiro de um lado, depois do outro, e então, as madeixas aparecem, como se tivessem crescido a partir do contato de suas mãos. Ela e os outros o olham.*

GIOVANNA: Pronto. Esse é o seu rosto.

*E então, \*\*\* na frente, com todos os outros atrás, se movimentam com a mesma solenidade de um velório até o portão ao fundo do palco. Neste momento, explode o grito frenético de Veroccia:*

VEROCCIA: Viva Délago! Viva Délago!

*Ele se detém um segundo, como se fosse atingido pelas costas, e, com um grande sofrimento, os lábios pálidos e rígidos tentam esboçar um sorriso de dor e de alegria.*

GIOVANNA: Vamos! Vamos! Você não colocará nunca mais os pés nesta casa! Todos continuam a se movimentar para o portão de saída. E Veroccia, continua a gritar convulsa, cada vez mais frenética: "Viva Délago! Viva Délago!"

**Fim do Primeiro Ato**

## Segundo Ato

*Ao se abrir a cortina, se verá, em uma luz amarela e violeta difusa, quente e densa – luz turva e sufocante – inatural – de sonho – \*\*\* dormindo sobre sua cadeira. Parecerá de cera: o fantoche idealizado por Veroccia, imóvel, defronte à escrivaninha. No palco, ouve-se a voz de \*\*\* em off, repetindo estas palavras, pausadamente:*

- Dante – Ariosto – Foscolo – Leopardi –

*Esta cena durará um momento até escutarmos um burburinho de jovens, liderados por Scelzi, ao fundo do palco. \*\*\* começa a se mexer. Escuta-se um pouco mais forte o burburinho, – Délago, uma farsa! – Délago, uma farsa! – e então, \*\*\* se mexe mais uma vez, ainda na dúvida se de fato ouviu algo. Neste momento, aquela luz suave do início irá se desfazer, dando lugar a uma luz diurna, fria e normal.*

*Entra o velho mordomo César.*

CÉSAR: Para a Vossa Excelência –

\*\*\* (irritado) Chega com esse minha excelência!

CÉSAR: Foi uma ordem dada pela senhora.

\*\*\* Desde quando a senhora lhe deu esta ordem?

CÉSAR: Há pouco tempo, Excelência. Ou melhor, me disse na expectativa do outro título. O que eu, humildemente, como servo devotado...

\*\*\* Está bem, está bem – quem é?

CÉSAR: Para a Vossa Excelência – um grupo de jovens.

\*\*\* Jovens – para mim? – Quem são?

CÉSAR: Disseram que são jornalistas!

SCELZI: *(aparecendo por trás do portão)* Sou eu, Poeta, com alguns amigos, se me permite. Com Scelzi, Sàrcoli e Diana. Ao fundo, desencadeia-se um tumulto de vozes: – vergonhoso! Vergonhoso! – Ridículo! Ridículo! – Toda uma geração manchada! – Quem mais esperava insultar? –

\*\*\* *(para Scelzi)* O que querem?

SCELZI: *(em direção à turba)* Eu falo, se acabarem imediatamente com esse tumulto!

CÉSAR: *(para \*\*\*)* Quer que eu os expulse?

\*\*\* Não, espera.

SCELZI: (*entrando*) Falarei eu!

\*\*\* Uma invasão...

SÀRCOLI: (*atirando-se com ímpeto*) Sim, para que o senhor veja –

SCELZI: (*elevando a voz*) Chega Sàrcoli!

SÀRCOLI: Com todo o respeito que lhe seja devido...

\*\*\* (*para Sàrcoli*) O que eu devo ver?

SÀRCOLI: Que não é certo brincar com o entusiasmo dos jovens!

\*\*\* Eu, brincar? Não entendi. O que está acontecendo?

*Novamente a gritaria* – quer continuar brincando! – Ah, não! – Chega! Chega!

DIANA: (*dando um passo à frente*) Eu lhe apreciava!

\*\*\* Pode ir, César, pode ir.

*César sai, \*\*\* se dirige aos jovens:*

Enfim, o que aconteceu?

JOVEM I: Estamos todos aqui consternados –

SÀRCOLI: – muito pior. Indignados!

\*\*\* tem coragem de falar assim na minha frente?

JOVEM II: Indignados sim, pela falta de decência –

JOVEM I: – é como se diz: uma trapaça à americana. Foi o que o senhor Pedro fez –

\*\*\* Pedro?

JOVEM I: – uma trapaça! Uma trapaça!

\*\*\* (*atordoadado*) trapaça...?

SCELZI: (*revoltando-se*) Vamos parar com os xingamentos! Será possível que não podemos nos entender, nem mesmo entre nós?

DIANA: (*de repente desaba a rir, como no primeiro ato*) Délago... Délago...

SÀRCOLI: Chega Diana! Ou te arrasto daqui!

DIANA: É muito cômico... muito cômico

\*\*\* (*contrariado, feroz*) Que coisa é cômica?

DIANA: Nós mesmos, Poeta... eu mesma acreditei nele... eu o admiro por esta colossal gozação...

\*\*\* Gozação? Que quer dizer? Eu não estou sabendo de nada!

SCELZI: Como? Não sabe que o seu sobrinho publicou esta semana um novo livro de Délago?

\*\*\* Eu? Não! Pedro? Que livro?

JOVEM I: (*em tom incrédulo*) “Uma Nova Voz”...

SÀRCOLI: (*rapidamente entregando-lhe o livro*) Aqui está: “Novas Poesias de Délago”...

\*\*\* (*surpreso, com espontânea afirmação*) Mas este livro é meu!

TODOS (*menos Scelzi, em coro*) – Isso nós sabemos – Grande coisa! – Bela novidade! – Isso nós sabemos muito bem!

SCELZI: (*mostrando um maço de folhas*) Veja. Eu tenho aqui comigo os rascunhos. Pedro me mandou uma semana antes, para o lançamento!

\*\*\* (*para ele mesmo, atordoado*) ... publicado com o nome de Délago...

JOVEM I: (*apontando-o para os outros*) Finge que não sabe!

\*\*\* (*idem*) ... como teve a coragem de fazer isso...?

SÀRCOLI: Porque Délago é o senhor!

JOVEM II: Ainda pretende disfarçar?

DIANA: É inútil, porque ele mesmo nos contou...

\*\*\* Quem contou?

SÀRCOLI E OS OUTROS: (*menos Scelzi*) Ele! – Ele! – Pedro! – Ele mesmo!

\*\*\* (*quase para ele mesmo*) Estúpido... estúpido...

SCELZI: (*para os companheiros e depois para \*\*\**) Esperem! – Contou, porque eu mostrei estes rascunhos a uma pessoa que já tinha lido o manuscrito. E quando me viu discutindo a autoria do livro, exaltado e triunfante, saltou sobre mim, gritando que o livro não era de Délago, mas do senhor, e que o senhor mesmo tinha recusado o livro!

\*\*\* Recusado? Não é verdade. Eu o deixei lá –



SÀRCOLI: - com Pedro? Para que o publicasse?

\*\*\* Não! Ao contrário! Eu o proibi de publicá-lo!

SÀRCOLI: Ouviram? - Então foi ele que lhe fez a traição! Queria prosseguir com a farsa!

SCELZI: (*gritando*) Não é verdade! Do que estão falando. Eu o coloquei na parede!

\*\*\* E ele então confessou...?

SÀRCOLI: Sim! Uma farsa!

SCELZI: (*enquanto os outros, indignados, repetem: - Uma farsa! Uma farsa! - ao mesmo tempo, \*\*\* , para ele mesmo, com raiva e amargura, cerrando os punhos, exclama: - Estúpido... estúpido... estúpido... - Scelzi se revolta contra todos*): Pedro não disse que era uma farsa! Absolutamente! Ele quis defender o livro e o tio! Fui eu que lhe demonstrei -

\*\*\* - o senhor lhe demonstrou o quê?

SCELZI: (*batendo com os dedos sobre o rascunho*) - que aqui, estas páginas novas, soavam falsas -

\*\*\* - ah!, sim, sim, agora falsas!

SCELZI: Naquele momento eu ainda não sabia! Mas, mesmo sem saber - o truque - o truque se revela por ele mesmo!

\*\*\* - sim, claro, claro!

SCELZI: - posso lhe mostrar as anotações que já tinha feito! E, no mais, se recorda muito bem de todas as minhas reservas em relação a Délago!

\*\*\* Reservas! Ah, suas reservas por Délago? E o "modo" novo, na maneira como o senhor entendia? - "*sem ironias*" - E a pedra por cima? A pedra colocada sobre nós, da velha geração? Uma farsa? - imagino! - agora que Délago sou eu.

SCELZI: Exato, agora que se sabe que Délago é o senhor! E aqui se descobre isso!

*Novamente batendo com os dedos sobre o rascunho.*

- coisa de papel - de livro - manipulação de estilo! E, permita-me dizer, já que o senhor assume este tom comigo, que isto aqui não tem nada a ver com a moralidade de nós, jovens -

\*\*\* - ah, não? -

SCELZI: - Não! Porque para nós, o poeta - só para que o senhor saiba - não é mais o literato erudito -

SÀRCOLI: - que se diverte com a farsa de parecer jovem, quando não é!

PRIMEIRO JOVEM: Agora que sabemos que Délago é o senhor, para nós acabou!

SCELZI: Sim, acabou! Porque para nós, o poeta deve ser antes de tudo um HOMEM, – benza Deus! Não papel impresso – SANGUE – CARNE.

\*\*\* (*apertando forte o livro com as duas mãos, para Scelzi*) E aqui não tem um homem? Aqui não tem sangue? “Vida que pulsa de outro modo”, “outra vida”, como o senhor mesmo havia dito? – Não, não mais – não é verdade? Por causa dos meus anos de vida? Juventude é para vocês o número de anos, e não uma prerrogativa de vida, de alma? Esta sua moralidade é a mais insolente presunção! – Não pode ser – eu – o mais jovem de todos vocês, e haver sentido em mim, aquilo que em vocês apenas se agitava, confuso e sem expressão? Eu – sentido – sentido – com tal força, a ponto de expressá-lo antes de vocês? E de uma forma nova, diferente de tudo que eu tinha feito até agora? Não. Isso é imoral para sua moralidade que se sente enganada! – e então, já que é assim – eu digo que enganei vocês! Enganei vocês!

*Desencadeia-se uma grande confusão de vozes, os jovens gritam* – Uma farsa! Uma farsa! Délago é uma farsa! Enganados! Enganados!

SCELZI: (*ao mesmo tempo*) Eu sabia, eu sabia. Fui eu, primeiro que todo mundo, que descobri o truque... Délago é uma farsa!

*Enquanto os jovens saem, \*\*\* volta para sua mesa. Surgem de repente Caproni, Giaffredi e Giovanna, depois Tito e Valentina.*

CAPRONI: (*batendo palmas*) Nos enganou magnificamente meu amigo.

GIOVANNA: Era ele o tempo todo! O tempo todo!

TITO: Eu tinha certeza que era papai. Disse plágio porque não sabia.

GIAFFREDI: (*dando tapinhas nas costas de \*\*\**) Uma grande e verdadeira satisfação!

VALENTINA: Me sinto livre de um pesadelo!

CAPRONI: Délago, o poeta novo!

GIAFFREDI: Se fará um barulho enorme! Mas todos vão querer ouvir de você.

\*\*\* De mim, o quê?

CAPRONI: Que Délago é uma farsa!

TODOS: Sim, uma farsa! Uma farsa!

CAPRONI: Confirma?

GIAFFREDI: Confirma?

\*\*\* Eu? Precisa? E não ouviu eles gritando?

*Novamente as vozes ecoam, como um canto* – Enganados! Enganados! Délago, uma farsa! Uma farsa!

GIOVANNA: Que alegria! Que alegria!

CAPRONI: (*para \*\*\**) Não esperava outra coisa de você meu amigo!

GIAFFREDI: Magnífico, magnífico!

CAPRONI: Devemos fazer uma estátua para aquele seu sobrinho! Nos saiu melhor do que a encomenda!

GIOVANNA: Ah, mas para ele também será oportuno. Este livro agora vai vender como água!

CAPRONI: Isso não!

GIAFFREDI: Podemos capturar as vendas! Processá-lo por abuso de confiança e apropriação indébita!

CAPRONI: De maneira alguma! Os “nossos” é que vão vender como água, os “nossos”, Excelência! Já dei ordem para abastecer todas as livrarias!

TITO: É, mas com a algazarra que se fará...

CAPRONI: Délago acabou! Acabou! Não conseguirão vender nem quatro cópias sequer! Conheço o público. Assim que souberem que foram enganados...

\*\*\* (*como se saísse do transe no qual estava absorto, para Caproni*) A culpa é sua.

CAPRONI: Minha? Como assim?

\*\*\* Sua, sua, por não ter publicado o livro.

GIAFFREDI: (*surpreso*) Mas como? Não está feliz?

GIOVANNA: (*muito surpresa*) Mais essa agora!

\*\*\* (*impetuosamente, ainda que tente se conter*) Feliz? Feliz pelo quê? Por Délago ter acabado? (*olhando todos*) – feliz que agora se pareça com uma farsa aquilo que antes era – era – uma voz nova, “minha”, que todos tinham escutado – para a qual todos tinham se voltado – uma voz “viva” – “viva” – “AINDA VIVA” – minha!

GIAFFREDI: Mas se ninguém sabia –

GIOVANNA: – que era sua! – Estou pasma!

GIAFFREDI: Só você que sabia!

CAPRONI: Colocaram um contra o outro!

\*\*\* Era isso que eu queria!

GIAFFREDI: Ah, sim? Queria que te ofuscassem?

\*\*\* Que me ofuscassem!

GIAFFREDI: Que ele fosse o novo ídolo, e que te jogassem fora?

\*\*\* Sim. Porque ele era o “vivo”!

GIAFFREDI: Eu não te entendo.

\*\*\* Eu sei que você não pode me entender!

CAPRONI: Eu deveria ter publicado o livro com seu nome?

\*\*\* Sim! Se era meu.

GIAFFREDI: Para que todos dissessem que imitava Délago?

\*\*\* Era isso que eu queria!

GIAFFREDI: Para terminar de se afundar?

\*\*\* Não! Para capturá-lo para mim! E fazer retornar para mim aquilo que era meu! Vida, não farsa. Sangue – ainda vivo – meu! Vivo, era o que eu queria!

CAPRONI: E como faria isso? Eu não vejo...

\*\*\* Como? Eu sabia como! Não revelando nada antes do tempo, publicando o livro com o meu nome, para que falassem que era mesmo uma imitação malfeita de Délago, um falso eco, patético, de um velho, que queria copiar a voz de um jovem, nova, fresca, genuína. Entendem agora aquilo que eu queria? – que afirmassem Délago ainda mais, a sua juventude, a sua originalidade, refletida por aquela minha cópia grosseira – vivaz, firme, ousado – incontestável! – E aí sim, quando ninguém mais pudesse negar sua existência, revelar –

TITO: – que Délago era você?

\*\*\* – e por pior que eu fizesse, não imitava ninguém, ou melhor, imitava a mim mesmo, porque Délago era eu!

CAPRONI: E por que não nos contou nada?

GIAFFREDI: Assim, tornava a farsa ainda maior?

\*\*\* A farsa! A farsa! Vocês só enxergam a farsa! É incrível para vocês que eu ainda possa me sentir vivo; sair desta prisão de mim mesmo! Fechado! Emparedado! Sufoco! Sufoco! Morro! – Por que não lhes contei nada? Porque se soubessem antes que Délago era eu...

GIOVANNA: E o seu sobrinho sabia?

\*\*\* Claro que sabia!

GIAFFREDI: Ah, é por isso que publicou o livro com o nome de Délago!

\*\*\* Estúpido! Ele também não entendeu nada. Não tive tempo para preveni-lo. Mas quem poderia imaginar que você

*Para Caproni:*

levaria o manuscrito para lá, recusando-se a publicá-lo? E Pedro, por traição... eu sei, eu sei porque ele agiu assim! Tinha a intenção de me libertar, tinham a intenção de me libertar. Não entenderam que Délago, revelado antes do tempo, pareceria a todos como uma farsa.

GIOVANNA: Está arrependido... como se, privado de Délago, tenha perdido tudo! O que mais te resta fazer? Já não basta esta enorme farsa enganando os idiotas que primeiro acreditaram em você e que agora não acreditam mais?

\*\*\* Agora eu sei que não me resta mais nada. Senão confirmar que o que fiz foi uma farsa.

GIAFFREDI: E alegre-se com isso! Afinal, esta é uma grande prova de talento e de vitalidade: Criar um ídolo para depois abatê-lo! De qualquer modo você saiu desta mais forte.

TITO: Teria sido mais bonito feito da maneira como ele queria.

\*\*\* Não podem imaginar como tudo isso me dói...

VALENTINA: Eu sabia todas as poesias de Délago de memória – todas... Aquela do “*Amanhecer*”...

TITO: A “*Caminhada*”

\*\*\* Uma farsa. Todas elas.

GIOVANNA: Eu prefiro realmente pensar nelas como farsa. Não consigo nem mesmo imaginar que você, na sua idade e com o nome que tem, pode mesmo escrevê-las a sério. Só posso admiti-las como farsa, e mesmo assim não me parecem dignas de você. Ver que sofre por isso... é inverossímil... olhem... – olhem que cara... está abatido...

TITO: Se sente mal, papai?

\*\*\* (*bruscamente*) Não! Chega! Chega!

GIOVANNA: É uma coisa que me... que me...

GIAFFREDI: (*baixo*) Já chega, Giovanna, já chega...

*Pausa longa.*

CAPRONI: (*tímido, interrompendo o silêncio*) Um fotógrafo, amigo meu, está aqui para...

\*\*\* (*bruscamente*) Ah, não! Por favor! Não falta mais nada! Manda ele embora!

CAPRONI: Um pouco de paciência...

\*\*\* Não vejo razão! Fora! Fora!

CAPRONI: É para a edição da tarde! Para a edição da tarde! Já prepararam as matérias!

\*\*\* Para espalhar aos quatro ventos a farsa?

CAPRONI: Mas é necessário, acredite, para você - e também para mim - agora que...

\*\*\* Mas eu não aguento mais! Chega! Deixem-me em paz!

CAPRONI: É coisa de minuto! Tente convencê-lo Excelência!

\*\*\* Ninguém vai me convencer de nada! Deixem-me em paz!

CAPRONI: Imagina o carnaval que não farão os jovens que se sentiram enganados? Atacarão com fúria sua obra, sua fama!

GIOVANNA: Não podem lhe causar nenhum dano.

CAPRONI: Eu sei. Mas é melhor agirmos antes! Aniquilá-los! Soterrá-los sob o ridículo! Atacar primeiro! Não desperdiçar este feliz acaso!

TITO: É, atacar, atacarão...

GIAFREDDI: E neste momento, com a homenagem que se está preparando...

GIOVANNA: Acham mesmo que podem prejudicar...

GIAFFREDI: Seria melhor que não houvesse dúvidas...

CAPRONI: Mas eu não quis dizer isso! Não me interpretem mal! Não digo que temos o que temer! Digo que não devemos perder a ocasião! Mas valer-se dela! Para que você saia dela ainda mais forte, como bem disse vossa Excelência!

*Para Tito:*

E você me mostrará os plágios que descobriu.

TITO: Sim, mais de cinco! Plágios, porque não sabia.

CAPRONI: Os jogaremos todos na cara! Estúpidos, não perceberam! E ele com todas as cartas na mesa! Deixem comigo que eu resolvo tudo! Mas você deve ser um pouco mais flexível e deixar tudo por minha conta.

\*\*\* Isso me dá náuseas. Não entende? Acaba comigo.

GIOVANNA: Mas deveria se alegrar!

TITO: Eu o entendo...

VALENTINA: Eu também...

CAPRONI: Porque são jovens. Agora deixem comigo que eu resolvo. Diga alguma coisa Excelência!

GIAFFREDI: Eu entendo que possa estar magoado, mas pensa que, no pior dos casos, perdeu apenas um momento seu – este último –

\*\*\* – “vivo” –

GIAFFREDI: Mas não me faça rir. “Vivo” – você vive na sua obra inteira!

\*\*\* Não falo da obra! Falo de mim, “eu”, “vivo”!

GIAFFREDI: E quer jogar toda sua obra pelos ares por causa de um único momento?

CAPRONI: Deixará sua obra ser atacada pela fúria destes cães que tentarão destruí-la, esmigalhá-la, só para se vingar?

\*\*\* Se ela não resistir, se for esmigalhada, então que seja destruída...

GIAFFREDI: Jamais! Há cinquenta anos que trabalha construindo esta sua própria imagem. Imagem que, com muita dificuldade, você mesmo esculpiu! Não pode querer que agora seja demolida!

\*\*\* Demolida... Se devo apenas ser uma imagem...

CAPRONI: Mas quer abandonar a si mesmo?

\*\*\* Não me importo.

GIAFFREDI: Como não se importa?

GIOVANNA: Mas de que vida você está falando, pode-se saber?

TITO: *(depois de um tempo)* Você é toda nossa vida papai!

VALENTINA: *(depois de um tempo)* Nós precisamos de você!

\*\*\* *(vencido)* Está bem, está bem, e agora, o fotógrafo...

CAPRONI: *(radiante, corre para chamar o fotógrafo)* O fotógrafo! Rápido! Rápido!

\*\*\* ... e a farsa, a estratégia, e minha imagem esculpida:

*Deixa cair os braços.*

Aqui está ela! Mas que seja rápido!

*O fotógrafo entra. Tira a foto.*

FOTÓGRAFO: atenção! Firme! Firme!

Pronto!

Está feito!

\*\*\* Agora chega,

GIOVANNA: Sim, sim, chega! Vamos deixá-lo descansar. Andando, andando.

CAPRONI: *(para o fotógrafo)* Sim, vamos, vamos. Rápido. Precisa fazer as cópias e distribuí-las para todos os jornais.

GIAFFREDI: Eu também vou indo.

GIOVANNA: *(sai, seguindo Giaffredi)* Espera, espera, gostaria de lhe dizer...

*Silêncio. Todos saem. \*\*\* está sozinho, sentado de frente a sua escrivaninha. Tem os dois braços para trás, sustentando o próprio corpo. Parece que espera o golpe final. Entram pelo fundo do palco, Veroccia, Pedro e Natacha. A cena entre eles é muito angustiante. \*\*\* parece desligado, distante dele mesmo.*

VEROCCIA: É verdade que confirmou – para todos – que tudo foi uma farsa?

*Ela o olha. Ele está imóvel. Mas como se tivesse falado ou feito um gesto de não com a cabeça, ela pergunta:*

Ah, não?! Diz que não? Mas está nos jornais! Não foi você? Ah, foram os outros? Tudo que está aqui foi divulgado pelos outros – divulgado, decretado e então publicado. O que você fez foi falar para mim da ameaça e do receio de que isso poderia acontecer e que agora se realizou por nossa culpa, não é verdade? E que agora você não tem mais nada para me dizer.

*Para os outros, exasperada:*

Fica me olhando. Olhando. E não fala nada!

*Para ele:*

É a única coisa que pode fazer, não é? Olhar para mim.

*Para os outros:*

Não pode fazer mais nada. Se rendeu! Aceitou a sentença!

PEDRO: Eu vim até aqui para lhe dizer...



NATACHA: Ele sabe Pedro. Fique calado. Não vê que ele sabe? E talvez tenha até nos defendido.

VEROCCIA: Defendido de que?

PEDRO: De tê-lo feito desejar viver?

VEROCCIA: Não vê que para ele é exatamente essa a nossa culpa?

NATACHA: Para ele não.

VEROCCIA: Para ele sim! Para ele também, que acabou se rendendo.

NATACHA: Não precisa ser injusta Verocchia. Para os outros era culpa, para ele não.

*Voltando-se para ele:*

E você nos defendeu, não é mesmo? Ainda que ninguém aqui tenha realmente nos acusado. Se é verdade o que diz o jornal, nós –

*Para Pedro:*

quer dizer, você – acabou prestando um grande favor para eles.

PEDRO: Eu, para eles? Ah, não! Para eles não! Eu quis prestar um favor para ele, fazendo com que roubassem de Délago o livro que eles não permitiram que fosse publicado como seu. Mas talvez eles tivessem razão, porque o livro é de Délago, de Délago!

VEROCCIA: Mas uma vez que era uma farsa.

PEDRO: Porque ele não soube defendê-lo contra aquele bando de estúpidos que eu impensei contra a parede como se fossem cães danados!

VERROCCIA: Ele talvez tenha feito a mesma coisa, ainda que não fale.

VEROCCIA: E por que não fala? Por que não fala?

NATACHA: Porque lhe dói. Poderia nos repreender, mas não quer... Para você Verocchia, este era um livro, mas ele tem outros, muitos outros... que também são seus, para defender. E todos – velhos, jovens – gritavam que era uma farsa.

VEROCCIA: Você agora é uma farsa? E eu também sou uma farsa? Eu então te servi para isso? Foi tudo uma brincadeira? Uma farsa, não é? A frieza dos jovens... a frieza dos velhos... Que importância deveria ter isso para você, se eu estava lá? Eu que me entreguei inteira para você – toda – e você sabe – você que não quis, covarde... – você sabe que me entreguei inteira para você, e você não teve a coragem de me tomar nos braços, de pegar a vida que eu quis te dar – para você, para você, que sofria por não ter nenhuma, por não ter mais nem a esperança de haver uma. Eu te dei uma vida e você permitiu que falassem que era uma farsa? Covarde... covarde... covarde...

*Verocchia, convulsa, cai em prantos, num misto de desprezo e de pena.*

NATACHA: Chega, não chore mais querida. É inútil, não vê? Ele está paralisado, Não se pode fazer mais nada.

VEROCCIA: Esta é sua condenação. Ficar ali, parado, sem vida. Vamos embora. Vamos embora.

*Eles saem. Agora que \*\*\* ficou sozinho, ele pode falar. E fala com infinito carinho para Veroccia, como se ela ainda estivesse presente.*

\*\*\* Eu sei... mas porque você me sentia... você me queria vivo, como você... E estava pronta para tudo... e agora me acusa pelo mal que eu não te fiz... mas eu não poderia fazer isso, porque eu não era mais vivo, não como você. Minha juventude vive fora de mim, no meu espírito e no seu corpo. Não no meu, que já era velho... Você não compreendeu esta minha reserva, o pudor de ser velho, e você jovem. Esta coisa atroz que acontece aos velhos, você não pode saber. Um espelho – descobrir-se de repente – a desolação de se ver, o estupor de não se reconhecer mais, e que nos mata toda vez que nos olhamos – e a vergonha por dentro, a vergonha, como de uma obscenidade, de se ver com aquele aspecto de velho e sentir o coração ainda jovem e quente. Você está viva e é jovem, minha menina. Tão viva que já está diferente – você pode mudar, a toda hora, eu não, eu não posso mais. Mas você não podia saber que isso não era mais possível para mim, queria que eu fosse vivo assim, da sua maneira... Você se agarrou querida neste meu último momento vivo. Mas, pensa bem! Pensa bem! Como poderia ser consolada? Não há outra saída, senão lhe dizendo que este último momento não era de um velho qualquer, mas de um que era ALGUÉM – alguém que em todos os momentos, um após o outro, todos – todos – todos de toda uma vida – usou para se transformar exatamente em ALGUÉM – alguém que não pode mais viver, minha querida, senão para se lamentar.

*Pausa. Solene e sombrio:*

ALGUÉM, VIVO, NINGUÉM O VÊ.

*Pausa.*

Você pôde me ver, porque para você eu não era alguém, mas um qualquer que você queria vivo, como que destacado de mim mesmo, e que pertencesse ao seu tempo. E TUDO QUE EU ERA, o ALGUÉM, no que me transformei? Num fantoche, cujos cabelos você podia até mesmo cortar. Tanto é assim que eu, vivo como ALGUÉM, nunca fui visto por você. E não conseguindo me ver, me perguntava irritada, “E você porque sofre?” Agora você sabe por que sofro, e não te interessa mais em sabê-lo. Finalmente me viu ALGUÉM, e para você estou MORTO.

*A luz gradativamente vai escurecendo.*

Quando se é ALGUÉM, é preciso que no momento certo se decrete a própria morte, e que se fique assim, recolhido, à espera de si mesmo.

**Fim do Segundo Ato**

### Terceiro Ato (Epílogo)

*No jardim da casa, onde \*\*\* passou o verão, que já está terminando. As árvores, pinos e ciprestes, fazem uma fila nas laterais do palco, formando, com outras plantas, espirradeiras e loureiros, uma área livre no centro do palco. Ao fundo se vê a fachada da casa. Na área livre, ao centro do palco, observa-se um pequeno pedestal de mármore, através do qual \*\*\*, ao final do III ato, será erguido como uma estátua. Na frente do palco, um enorme portão de ferro, representando uma das entradas da casa.*

*Ao se abrir a cortina, uma luz de crepúsculo ilumina o jardim. Ao final do ato, já será noite e se verá, no silêncio, uma clara, misteriosa e difusa luz lunar.*

*Ao fundo, escuta-se, confusa e longínqua, a voz de Giaffredi discursando pelo aniversário de cinquenta anos da obra do poeta e pela entrega do título de conde; de tempos em tempos ecoam aplausos dos convidados.*

*Na frente do palco, Tito e César.*

TITO: *(fala apressadamente)* Já confirmaram sua chegada, mas ele não vai entrar por aqui, já está tudo arranjado. Você deve prestar bastante atenção ao som da trombeta, um único toque e você corre para lá –

CÉSAR: – e com o bastão nos inclinamos assim. Já nos foi passado.

TITO: Muito bem, muito bem.

*Faz menção de sair, mas acrescenta:*

É bom avisar que, de hoje em diante, não é mais “Sua Excelência”, mas “Sua Excelência o senhor Conde”.

CÉSAR: Sem dúvida, senhor Conde. Isso também já nos foi passado pela senhora Condessa.

TITO: Ah, certo, certo.

*Do fundo do palco, de onde se escutam os aplausos, dois jornalistas vêm em direção a Tito.*

JORNALISTA I: Por obséquio...

TITO: Não conseguiram um lugar? Por favor, venham comigo!

JORNALISTA I: Não, saímos de lá intencionalmente –

JORNALISTA II: – para obtermos algumas informações da família... se o senhor, é claro, não se incomodar...

TITO: Mas eu não posso. Tenho ordens para dar. Já foi confirmada a vinda do Príncipe. Pensavam que ele não poderia vir, e de última hora...

JORNALISTA I: Que ótimo! Assim a festa tocará as supremas honras!

JORNALISTA II: É uma pena que Giaffredi já tenha começado o discurso...

TITO: Magnífico! Magnífico! Vocês o ouviram?

JORNALISTA I: No final da manhã já estava na tipografia. Talvez um pouco polêmico...

TITO: Este é o seu estilo!

*Aplausos.*

Vejam, vejam, que aprovação! Permitam-me, tenho que ir...

*Entra Valentina com um grande ramo de flores.*

VALENTINA: Tito, Tito, eu não sei como fazer para oferecer este ramo de flores durante a entrada de Sua Alteza, se ele vai chegar de surpresa!

TITO: Pergunte a mamãe, santo Deus! Você acha que eu sei isso? Quando ele entrar você oferece!

JORNALISTA I: *(para Valentina)* Poderia nos dar um minuto de sua atenção, senhorita...

*Valentina olha para eles.*

Qualquer informação sobre seu pai, na intimidade...

JORNALISTA II: – seria muito preciosa! Não se sabe quase nada...

JORNALISTA I: Imaginamos que ele esteja muito feliz, com todas essas honras?

TITO: Feliz? Mamãe precisou usar de toda sua força de persuasão e Giaffredi de toda sua autoridade para fazê-lo aceitar! Ele lhes deu muito trabalho! E agora estamos todos aqui, nesta correria...

VALENTINA: Mas não pense que ele não fica agradecido. Quem o conhece bem, sabe que, no fundo, quando já se rendeu, fica muito agradecido!

TITO: A sua maneira!

JORNALISTA I: Seco. Sim, sim, isto nós sabemos.

TITO: Se sua fama hoje está assim consolidada, como um bloco de mármore, muito deve a mamãe, seu mérito é inestimável. Nós, filhos, sabemos muito bem disso.

VALENTINA: É verdade, mamãe já fez tanto... No dia a dia papai é como uma criança, incapaz até mesmo de comprar para si um lenço. A única coisa que gosta de fazer é observar.

TITO: Ah, sim, isso sim. Posso jurar que neste exato momento ele está observando. Ele entra em transe e parece que não vê mais nada. Eu não sei como pode. Mamãe fica irritadíssima: Como, não viu isso? Também não viu aquilo? Qual! Não viu nada! Mas, por outro lado, percebe certas coisas, que só ele vê e mais ninguém, que nos deixa pasmos

quando ele as conta. Lembra uma vez, quando imitou os gestos de uma senhora que fazia assim com os dedos? Só de observar ele os reproduziu, e naquele gesto de nada, estava lá, aquela senhora – viva – diante de nossos olhos. E todos nós ficamos assim, de boca aberta.

JORNALISTA I: (*anotando*) Isso é muito interessante!

JORNALISTA II: (*idem*) Interessantíssimo!

TITO: (*aos dois jornalistas*) Bom, agora me desculpem, mas eu tenho que ir. Não posso me demorar mais. Venha você também Valentina, assim pensamos como proceder com as flores.

*Os dois jornalistas se aproximam de César.*

JORNALISTA I: E o senhor, diga qualquer coisa.

CÉSAR: Eu? Mas o que eu teria para dizer?

JORNALISTA II: Ora, seja bonzinho. Não existem segredos para o mordomo. O senhor trabalha para ele há muitos anos?

CÉSAR: Há vinte e oito anos. Mas não tenho nada para dizer.

*Neste momento Veroccia se aproxima do portão. César com um gesto a convida para entrar.*

VEROCCIA: Eu não quero entrar. Só queria ver...

CÉSAR: (*interpretando*) Ah, se sua irmã e seu cunhado estão lá dentro?

VEROCCIA: Não. Não acho que eles já tenham chegado. No mais, nem mesmo sabem que eu estou aqui. Queria vê-lo antes de partir, mas apenas de longe, não quero que ele me veja. Mas agora que estou aqui, nem isso eu quero mais. Estou vendo que tem muitos convidados.

JORNALISTA I: (*para César*) Mas se quiser, ele pode lhe conseguir um lugar.

CÉSAR: Claro! Mas eu preferiria consultar a senhora Condessa, sua tia.

VEROCCIA: Não é minha tia.

*Ouvem-se aplausos.*

VEROCCIA: Encomendam-lhe o discurso fúnebre?

JORNALISTA I: (*rindo*) ah, perfeito: fúnebre.

CÉSAR: (*muito respeitoso*) Fúnebre? Não. Por quê? É Sua Excelência Giaffredi que discursa.

JORNALISTA II: Pela entrega do título de Conde.

CÉSAR: Uma festa solene.

JORNALISTA I: Esperam pelo Príncipe, Sua Alteza.

*Para César:*

Vai até lá e arruma um lugar para ela.

*César sai.*

VEROCCIA: *(fazendo um gesto como para impedi-lo, diz apenas)* Não...

*Permanece hesitante, dividida entre a vontade de vê-lo pela última vez e de ir embora.*

JORNALISTA I: *(para Veroccia)* Vai, vai lá, senhorita...

*Veroccia entra. Depois de um tempo.*

JORNALISTA I: Nem se pensou em perguntar aos filhos a repercussão da descoberta desta última aventura na família! Vê? Vê como ela o olha?

JORNALISTA II: Então é verdade mesmo?

JORNALISTA I: E não é suficiente olhar para ela? Excluída da festa... colocada para fora... e não reparou nele, lá dentro, como está?

JORNALISTA II: Sim. Parece um morto... já criaram toda uma lenda em torno deste amor, que teve como ninho a casa do sobrinho... com a irmã conivente... Ela, recentemente maior de idade... e parece que a mulher os surpreendeu...

JORNALISTA I: Nisso eu não acredito... A mulher dele, meu caro... deixa para lá... quem de fato me interessa é ela!

*Aponta para Veroccia.*

Que capítulo para um biógrafo! E que registro seria fotografá-la assim, na porta de entrada... mantidos afastados...

JORNALISTA II: Pena que já está escurecendo...

JORNALISTA I: Olha! Olha! Apertou os punhos, cruzando os braços sobre o peito...

JORNALISTA II: Parece que quer gritar alguma coisa...

JORNALISTA I: Como se adiantasse falar alguma coisa agora...

*Veroccia se aproxima, trêmula, convulsa.*

VEROCCIA: Está morto! Morto!

JORNALISTA I: (*consternado*) O que está dizendo senhorita?

JORNALISTA II: Morto? Será possível?

*Um caloroso aplauso ecoa do fundo do palco, assinalando que Giaffredi terminou o seu discurso.*

JORNALISTA II: Não, aplaudem... terminou o discurso.

VEROCCIA: Eu digo que está morto. Ninguém se dá conta. Eu vi como ele fechou os olhos.

JORNALISTA I: Sem dúvida parece muito fraco...

JORNALISTA II: E assim, todo vestido de branco...

JORNALISTA I: Para ser admirado. No verão é como um cisne.

JORNALISTA II: Mas com aquela cara, toda esbranquiçada, de fato ela tem razão, dá uma impressão...

JORNALISTA I: De um cisne. Que, porém, terminou de fazer seu último canto. Deve estar mesmo doente.

JORNALISTA II: Quando se é alguém...

VEROCCIA: Se morre.

*Som de trombeta avisando a chegada do Príncipe. Vozes gritam: – O Príncipe! O Príncipe! Os jornalistas correm para a entrada da casa. Pelo lado esquerdo, entram Pedro e Natacha.*

PEDRO: (*ríspido, para Veroccia*) Ah, você está aqui! Procuramos você por toda parte...

NATACHA: Eu te falei. Eu tinha certeza que deveríamos vir...

PEDRO: Colocava minha mão no fogo que não te encontraria aqui!

NATACHA: Eu a conheço melhor que você...

VEROCCIA: (*mais com a cabeça do que com a voz*) Sim.

PEDRO: E ele?

NATACHA: Como ele? Não há nenhuma razão para que ele a veja.

*Mais aplausos.*

VEROCCIA: Está longe. Não está em condições de ouvir nada, nem de ver ninguém.

PEDRO: Eu e Natacha queremos só cumprimentá-lo, depois vamos embora.

VEROCCIA: Não poderá nem escutar e nem ver vocês. De qualquer modo, não fale nada para ele de mim. Não diga que eu vim aqui. Eu os proíbo!

PEDRO: E se ele perguntar?

VEROCCIA: Não perguntará?

*Pedro e Veroccia se preparam para entrar na casa, mas são interrompidos pelo aviso da chegada de \*\*\*. – É ele! É ele que chega!*

*\*\*\* está vestido de branco com uma elegante bengala e cartola. Pedro e Natacha ficam imóveis, impressionados com sua aparência. Veroccia já foi embora.*

\*\*\* Vocês também... Todos assim... até você Pedro...

PEDRO: Mas eu... porque te vejo...

NATACHA: *(aproxima-se de \*\*\* com voz baixa, mas com grande intensidade)* Reaja! Reaja!

PEDRO: Larga isso tudo! Você só precisa fazer uma loucura na frente de todos eles!

NATACHA: Rápido!

PEDRO: E depois fugir com a gente! Viremos te buscar, amanhã!

\*\*\* *(depois de uma pausa, breve)* Não posso.

NATACHA: Tem medo?

\*\*\* Medo? De que?

NATACHA: De acabar!

\*\*\* Não é medo. Necessidade.

NATACHA: É pelos outros? É compaixão pelos outros? E Veroccia?

\*\*\* Não é pelos outros. É uma necessidade minha. Sem compaixão. E também por tédio, de tudo. O peso.

*Pedro e Natacha somem lentamente na escuridão do palco. Entram, com estardalhaço, Giovanna, Giaffredi, Valentina, Tito e um Padre, comentando com grande satisfação sobre o sucesso da festa.*

GIAFFREDI: Ah, o Príncipe não poderia ser mais simpático!

GIOVANNA: Pena que não se pode precisar o número de habitantes!



TITO: Da cidade natal de papai? Ele perguntou? Mas eu sabia! Vinte e quatro mil setecentos e cinquenta e três.

GIOVANNA: Veja só. Ele sabia. E nós lhe dissemos que era dezoito mil.

VALENTINA: Sim, mamãe. Mas depois falamos que de lá para cá deveria ter aumentado...

PADRE: Perguntou também quantos educandos tinha... e eu fiquei muito feliz em dizer que, como a cidade natal, meu educandário também se sentiria muito orgulhoso de receber de agora em diante um nome tão glorioso.

GIOVANNA: O senhor, Padre, poderá tomar posse da casa entre dois ou três dias no máximo...

PADRE: O que lhes for mais conveniente.

VALENTINA: Nós ficamos até agora por causa das homenagens...

GIOVANNA: Já está tudo pronto para a mudança.

PADRE: Mas a Princesa, uma santa alma, deixou claro que Sua Excelência pode permanecer aqui até quando quiser...

GIOVANNA: Seus educandos são de ambos os sexos?

PADRE: Sim, senhora Condessa. Duas alas. Uma ala masculina, uma ala feminina.

GIAFFREDI: (*para \*\*\*)* Deveria dizer alguma coisa para o padre...

GIOVANNA: Seria muito delicado de sua parte...

PADRE: Oh, nossa gratidão então... não ousaria pedir-lhe...

VALENTINA: Se não está muito cansado...

GIAFFREDI: Duas palavras...

PADRE: Ficariam para a eternidade, esculpidas em nossas almas...

GIOVANNA: Experimente querido... Duas palavrinhas...

TITO: Silêncio!

*Grande silêncio. Na frente do pedestal de mármore, \*\*\* pronuncia com voz gélida, clara e pausada, as palavras que formam sua epígrafe.*

\*\*\*

PUBERDADE  
MISTERIOSA FÁBULA DE RECORDAÇÕES  
SOMBRA QUE DE VOCÊ SE APROXIMA  
SOMBRA  
QUE DE VOCÊ SE AFASTA

*Todos saem em silêncio, menos \*\*\*. O poeta, pesadamente, sobe no pedestal de mármore, que o eleva como se ele se fosse uma estátua.*

**Fim**

Submetido em: 27 jul. 2019

Aprovado em: 09 out. 2019